

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 1999 n.6 abr/jun

Cadernos de Tradução

P
400
A12

I-SAB
Instituto de Letras


UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 6
Abril - Junho 1999

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 6 – Abril-Junho de 1999

SUMÁRIO

Apresentação.....	3	<i>3e - Sep'</i>
O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985).....	5	
COURTINE, Jean-Jacques		
Tradução: ROSÁRIO, Heloisa Monteiro		
<i>El anatomista</i> de Federico Andahazi.....	19	
DOMÍNGUEZ DURÁN, Francisco		
Tradução: NAVARRO, Márcia Hoppe		
Os dicionários bilíngües: parâmetros de avaliação lexicográfica.....	23	
GELPÍ ARROYO, Cristina		
Tradução: BEVILACQUA, Cleci Regina		
Estratégias de ensino eficazes para alunos diversificados.....	37	
IRVINE, Jacqueline Jordan		
Tradução: BOCCO, Laura		
O tradutor em Cuba.....	42	
OTERO DIEZ, Iván		
Tradução: CONRADO, Vera Lúcia do Amaral		
O girassol.....	47	
SHIMON, Meiko		
Tradução: SILVA, Gizelda Ribeiro da		
Como era gostoso o meu... brasileiro!!.....	49	
STAUT, Lea Mara Valezi		

UFRRS
BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Profa. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Profª. Sônia Terezinha Gehring

Profª. Patrícia Chittoni Ramos

Profª. Érica Sofia Schultz

Organizador deste número: Profa. Vera Lúcia do Amaral Conrado

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

O presente número da revista *Cadernos de Tradução* introduz algumas inovações. No aspecto físico, sua impressão foi feita em papel Ecograph, que não é branqueado a cloro, evitando, assim, a produção de dioxinas. Também, nesse aspecto, apresenta um número maior de textos que o das revistas anteriores. Isso se deve à preocupação que norteou a sua confecção, quanto ao aspecto temático: pretendíamos refletir a diversidade de produção que envolve o trabalho da tradução.

Nesse sentido, procuramos, seguindo a filosofia da revista, contemplar os interesses da Graduação (Licenciatura e Bacharelado) e da Pós-Graduação, oferecendo material para a crítica da tradução, para a história da tradução, para a pesquisa dentro e fora da sala de aula, de forma a atender as necessidades do curso de Letras como um todo.

Também, dentro dessa diversidade, buscamos abarcar um maior número de línguas estrangeiras. Assim, vamos ler traduções do catalão, espanhol, francês, inglês e japonês, num total de sete textos que vão da resenha à crítica de tradução de obras literárias, passando por reflexões pessoais e históricas sobre a tradução.

No primeiro texto, o pesquisador francês Courtine, que, em sua tese doutoral, trabalhou sobre o discurso produzido pelos comunistas e dirigido aos católicos, desvenda as relações entre marxismo e lingüística, numa visão histórica de duas décadas. No segundo texto, o pesquisador chileno Domínguez Durán faz uma resenha do livro *El anatomista*, romance já traduzido para o português, como um convite para a sua leitura.

O terceiro texto nos traz uma contribuição para os estudos lexicográficos da pesquisadora catalã Gelpí Arroyo, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. O quarto texto reflete o trabalho do Instituto de Letras, na figura do Núcleo de Apoio Pedagógico do Rio Grande do Sul que, comemorando seus dez anos de existência, trouxe dos Estados Unidos a pesquisadora Irvine, doutora em educação, para difundir suas idéias pioneiras em estratégias de ensino.

O quinto texto, escrito pelo cubano Otero Diez, membro do Conselho Executivo da Associação Cubana de Tradutores e Intérpretes, tem o mérito de revelar-nos a figura do tradutor em Cuba, refletindo as peculiaridades de sua formação e atuação. O sexto texto, escrito pela japonesa Shimon, professora do Instituto, metaforiza suas preocupações acadêmicas relacionadas ao ensino do japonês, através da imagem de um girassol.

O último texto, num estilo fluido, comenta as soluções encontradas para a tradução do romance *Macunaíma* por Jacques Thiériot. Trata-se de uma contribuição à crítica da tradução elaborada pela professora doutora Staut, integrante do GT-Tradução da Anpoll e tradutora e crítica de traduções desde 1984.

Gostaríamos, para finalizar, de agradecer a confiança depositada pela Profa. Dra. Maria Cristina Ferreira Leandro, diretora do Instituto de Letras, ao convidar-nos para organizar este número. Agradecemos também aos colegas e alunos colaboradores, sem os quais não seria possível concretizar nossa proposta.

Profa. Dra. Vera Lúcia do Amaral Conrado
Organizadora

O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985)¹

Jean-Jacques Courtine²

Tradução: Heloisa Monteiro Rosário³

Para começar, uma citação:

"É que, face ao sujeito pleno identificado na interpelação da ideologia dominante burguesa, portador da evidência que diz a cada um: "sou eu", apoiava-me sobre uma exterioridade radical da teoria marxista-leninista para descobrir o ponto onde o absurdo reaparece sob a evidência, determinando, desse modo, a possibilidade de uma espécie de pedagogia da ruptura das identificações imaginárias nas quais o sujeito é aprisionado, portanto, a possibilidade de uma "interpelação ao contrário" agindo na prática política proletária: a exterioridade teoricista se acompanhava, assim, necessariamente de um pedagogismo subvertido; o que provocava uma corrente tipicamente platônica /.../".

Essa citação, eu a escolhi e interrompi, mais ou menos ao acaso, em um conjunto de textos de Michel Pêcheux, que Denise Maldidier acaba de reeditar (Maldidier, 1990), precedidos de uma longa introdução na qual ela retraça o percurso intelectual do filósofo morto em dezembro de 1983. Essa passagem, que simplesmente julguei representativa de uma época e de um estilo, foi extraída de um texto escrito em fevereiro de 1978⁴. Faz um pouco mais de dez anos.

Se eu quis iniciar esse texto por essa citação, foi para ir direto ao que quero discutir aqui: as relações da lingüística com o marxismo do fim dos anos 60 ao início dos anos 80. A partir da seguinte observação: esse texto, típico de uma tradição de reflexão marxista sobre as ideologias, a língua e o discurso, extremamente ativa entre 1965 e 1975, cujo papel intelectual foi importante, que

¹ Texto gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação.

² Atualmente professor na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, Estados Unidos. Participou ativamente do grupo de Análise do Discurso fundado por Michel Pêcheux.

³ Mestranda na área de Teorias do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Inédito em francês e destinado a servir de posfácio à tradução inglesa de *Les Vérités de la Palice* (Pêcheux, 1982). É um texto de natureza filosófica, concebido como uma retificação de teses formuladas na edição francesa.

marcou então com sua impressão o debate teórico e político, mas também algumas pesquisas lingüísticas, esse texto é hoje *ilegível*.

Seus objetos – “a ideologia burguesa dominante”, “a filosofia marxista-leninista”, “a prática política proletária”, “a interpelação ideológica do sujeito”,... – haviam deixado de existir bem antes das reviravoltas históricas de 1989-1991. Igualmente, seu estilo: o tamanho do período, seu caráter compacto, a ausência de pausa, a acumulação unida dos pressupostos, tantos traços que pertencem a uma tradição de escrita hoje esgotada. É do desapareço brutal desses objetos e desse estilo teórico que gostaria de tratar nessas poucas páginas, situando essa questão no contexto mais geral do fim do estruturalismo na história da lingüística na França.

Denise Maldidier, em sua apresentação detalhada e rigorosa do caminho teórico de Michel Pêcheux, sublinha, merecidamente, a importância do papel que ele desempenhou no desenvolvimento das pesquisas sobre o discurso em lingüística. Ela mostra de modo preciso em que, para Pêcheux, o discurso foi a questão teórica central, verdadeiro “nó” onde se entrecruzavam os discípulos teóricos do marxismo, da lingüística e da psicanálise, cuja “articulação” ele quis, desde o início de seu trabalho, realizar. Ela nos convida a acompanhar de mais perto as etapas desse percurso: os anos de formação e o encontro decisivo com o ensinamento de Althusser, ao qual Pêcheux ligou, de um certo modo, seu destino; depois “o tempo das grandes construções”, período extremamente fecundo durante o qual, entre 1969 e 1975, Pêcheux concebeu especialmente o projeto de análise automática do discurso, de uma novidade então radical, e escreveu o que permanecerá seu livro maior, *Les Vérités de la Palice*. Segue um momento de “tateamentos teóricos”, quando, de 1976 a 1979, enquanto se acumulavam os sinais de esgotamento do marxismo e se iniciava o retorno da conjuntura política, a sociolingüística marxista na França era agitada por polêmicas cujo caráter bizantino somente hoje é mais evidente. A cronologia de Denise Maldidier nos conduz enfim para o último período, chamado de “desconstrução dominada”, no decorrer do qual Pêcheux tentou, entre 1980 e 1983, dar prolongamentos, sobretudo institucionais, a uma problemática que a implosão do marxismo althusseriano deixava órfã⁵.

Onde estamos hoje?

“O que pôde representar o discurso no pensamento (de Pêcheux) parece perdido. Conceitos que ele forjou encontram-se a esmo:

⁵ Dessa cronologia, cujo pormenor é precioso, poder-se-ia contudo discutir certos pontos: não estou absolutamente certo, em particular, de que a “desconstrução” do último período tenha sido “dominada”. Ela me parece globalmente ter sido uma tentativa extremamente problemática de *aggiornamento* pós-marxista tornada inevitável pelo vazio teórico e político que havia se instalado. Essa reconversão forçada toma a forma de uma “abertura”, de um apelo às ciências humanas, e de uma tentativa de institucionalização no seio do CNRS [Centro Nacional de Pesquisa Científica]. Não havia, evidentemente, nada de mal nisso, a não ser que estava em completa contradição com tudo aquilo que o programa teórico-político althusseriano havia repetido incansavelmente desde o início. A empresa só era possível desde que quisesse ignorar a negação de si que constituía seu princípio. Ela trazia a questão mais geral das saídas possíveis do universo teórico marxista, e singularmente do universo althusseriano. Este último, não havendo alternativa, devia ser aceito ou não.

banalizados, retirados do campo no qual haviam sido elaborados, traços teóricos dos quais se teria esquecido o enunciator.” (Maldidier, 1990, p. 7).

Aqui está, de fato, o paradoxo: o trabalho de Michel Pêcheux e a forma de análise do discurso à qual seu nome está associado contribuíram para promover a reflexão sobre o discurso entre os lingüistas. Mas se deve constatar, ao mesmo tempo, um recuo; depois um esmorecimento dessa problemática que havia se dado por tarefa, a partir de 1968-1970, elaborar uma concepção do discurso que dele fizesse um objeto essencial para a compreensão das realidades históricas e políticas, um nível de intervenção teórica crucial para quem quisesse, a um só tempo, compreender a sociedade e trabalhar em sua transformação. O interesse do livro de Denise Maldidier é o de contribuir para que o esquecimento não se instale tão facilmente, convidando aqueles que se preocupam com a história de sua disciplina para um trabalho de rememoração.

Parece-me, no entanto, que seu esforço deixa na sombra uma parte das determinações essenciais da “aventura teórica” da análise do discurso: a relação da lingüística como ciência com o projeto político da esquerda, na França, no período que nos interessa aqui. Alguns setores da pesquisa lingüística (sociolingüística, análise do discurso, lingüística aplicada à didática das línguas,...) eram, com efeito, filosoficamente amplamente dominados pelo marxismo, ao mesmo tempo em que eram concebidos como campos de atividade militante. A análise de Denise Maldidier baseia-se, muito freqüentemente, em uma simples gênese das idéias científicas: para compreender o desaparecimento de certos modos de trabalhar no seio da lingüística francesa, deve-se analisar as condições políticas e intelectuais da *desmarxização* das pesquisas em lingüística e, mais geralmente, nas ciências humanas.

Como a lingüística francesa saiu do marxismo? *Em silêncio*: poucas análises por parte daqueles que disso foram as testemunhas, não mais do que anamneses individuais ou coletivas por parte daqueles que disso foram os atores. Deslocamentos furtivos, páginas discretamente viradas, um certo incômodo, às vezes,... É tempo, no entanto, de fazer das relações entre marxismo e lingüística naqueles anos um objeto histórico. É, doravante, o único estatuto que possa ser o seu. Cabe à história da lingüística a responsabilidade particular de constituir sua memória. É para isso que essas poucas páginas consagradas à breve história da análise do discurso na França desejam contribuir.

1. Cortes e articulações

A análise do discurso pode ser considerada, em uma história interna da lingüística, como um efeito reativo do “gesto decisivo de separação” através do qual a disciplina se institucionalizou como ciência no início do século (Chevalier, 1974, p. 131). Seu projeto foi, desse modo, pensado como uma “negação” e uma “superação do gesto separador de Saussure” (Chevalier, 1974, p. 132). Ela teve como primeiro objetivo querer rearticular o que o “corte saussuriano” havia

separado, fazer ressurgir o que a instituição de uma lingüística formal havia removido para fora do campo da ciência da linguagem: as condições de emprego da língua.

O que surpreende, relendo agora os textos que expressavam esses objetivos, é o ambiente de urgência teórica, de *dramatização epistemológica* no qual estavam mergulhados. Querer analisar os discursos era, então, querer fazer bem mais do que simples trabalho de lingüista; também era, de um certo modo, pensar ocupar uma posição heróica em uma luta teórico-política: reintegrar em um gesto libertador aquilo que uma decisão arbitrária havia excluído. Foi o “corte saussuriano” que se achou primeiramente visado. A maioria dos textos de análise do discurso iniciava assim: a dicotomia língua/fala “bloqueia” o projeto de analisar o discurso. A relação da teoria saussuriana com o objeto da lingüística era geralmente apresentado através da metáfora daquilo que limita, comprime ou força⁶. Acabar com a opressão teórica, desfazer-se das antigas dependências: a análise do discurso pretendeu ser o momento inaugural de uma revolução epistemológica. Ela se inscrevia em uma maneira de pensar a história da lingüística que correspondia globalmente às concepções althusserianas da história das ciências. Ela pressupunha a emergência súbita, no trabalho de Saussure, de uma “ciência da língua” rompendo com um passado de erros gramaticais e filológicos. De fato, isso consistia, antes de tudo, em aplicar à história das ciências o modelo de narração revolucionária herdado do catecismo da Revolução Francesa, revisado em outubro de 1917. Um de seus mínimos paradoxos não foi o de apresentar o “processo de produção dos conhecimentos científicos” como um processo radicalmente impessoal e de evocar, ao mesmo tempo, grandes figuras individuais e solitárias – Marx, Freud, Nietzsche, Saussure,... – que, na pior das adversidades, lançavam-se sós na descoberta de “continentes científicos”⁷. Em resumo, ao mesmo tempo um “processo sem sujeito” e uma história piedosa do heroísmo científico, a história dos santos laicos, versão Marie Curie.

Mas querer analisar discursos era desejar fazer um pouco mais ainda: era imaginar manter um papel quase-terapêutico em relação à lingüística, e querer nela produzir o retorno daquilo que ela teria “recalcado”, nesses tempos nos quais se

⁶ Um “espartilho” que se deve “fazer explodir” (Robin, 1973, p. 79), um “fecho” que se deve “fazer saltar” (Guespin, 1971, p. 11), um “edifício” onde se respira uma “atmosfera empobrecida” que se deve “demolir” (Guespin, 1971, p. 12-14), ou então enfim um “velho modelo” cuja “fortificação” deve ser submetido a uma “ação erosiva” (Guespin, 1976, p. 47-48).

⁷ “Marx, Nietzsche, Freud deveram pagar a conta, por vezes atroz, da sobrevivência: preço contabilizado em exclusões, condenações, injúrias, misérias, fome e morte, ou loucura (...) Freud conheceu a calúnia, a pobreza e a perseguição (...) Consideremos simplesmente a solidão de Freud (...), falo de sua solidão teórica (...). Procurou em vão precedentes teóricos, pais em teoria, mas nada encontrou. Teve que suportar e arranjar a seguinte situação teórica: ser seu próprio pai, construir com suas mãos de artesão o espaço onde situar sua descoberta...” (Althusser, 1976, p. 12). No caso de Saussure, esse tipo de pathos epistemológico irá se deter sobre “os dois Saussure”, aquele dos anagramas, “ameaçado pela loucura”, legitimando na sombra por seus excessos poéticos a racionalidade radical do “corte” operada pelo outro, em plena luz científica. O trabalho empreendido há alguns anos em história da lingüística começou a corrigir essa mitologia romântica que encobre o pensamento das origens da lingüística moderna.

representavam na cena teórica os dramas confundidos e deslocados da política e do desejo. A análise do discurso foi, portanto, em muitos sentidos, o efeito dessa configuração teórica do final dos anos 60, feita de estruturalismo agonizante, de epistemologias da descontinuidade, de uma política marxista das ciências humanas e da impregnação profunda pela psicanálise da atmosfera teórica do momento.

“Para os historiadores, o discurso não constitui um objeto (...) No outro pólo, os lingüistas estão rigorosamente isolados no saussurismo, na lingüística estrutural e no transformacionalismo. A dicotomia inaugural de Saussure provoca um afastamento do sujeito, (...) um afastamento do fora-texto. Em resumo, dois recalcamientos simétricos. O historiador recalca o significante, a materialidade da linguagem, o lingüista recalca o sujeito e a história, em resumo, o discurso como prática social.” (Robin, 1979, p. 70).

Uma forma de análise que não recalcaria nada, articulando, sem nada excluir, o sujeito, a linguagem e a história: sob a forma desse projeto, que fazia parte do sonho, a análise do discurso foi, então, o lugar privilegiado de um encontro entre a lingüística e a história, e isso de dois modos.

De um lado, ela participou de um exame histórico e crítico dos fundamentos do “gesto inaugural” de Saussure. Entendia, assim, questionar a delimitação do campo da lingüística que dele resultava. Ela nunca se afastou dessa função crítica em relação à lingüística, interpelando a centralidade da disciplina a partir de sua periferia, lembrando-lhe seus limites, suas insuficiências, isso que ela inicialmente teria negligenciado. De outro, ela quis proceder à rearticulação daquilo que havia sido cindido: o sistema lingüístico (então concebido como um conjunto de regras sintáticas governando as frases, e também de funcionamentos dependendo de uma problemática da enunciação)⁸ e as condições históricas da língua em uso (através da determinação das “condições de produção” do discurso).

Desse projeto inicial, o que resta hoje? Ele ainda é simplesmente sustentável? É possível duvidar disso com a leitura do último número que lhe foi consagrado na revista *Langages*⁹, que faz o balanço dos trabalhos realizados e quer abrir novas perspectivas. A questão do futuro da disciplina merece ser colocada, se se examinam os trabalhos que nela estão reunidos em relação ao que constituiu o fundamento do projeto. Este último, com efeito, queria atingir um duplo objetivo:

⁸ Estão aqui, com efeito, as duas fundações da análise do discurso sobre o plano lingüístico: um quadro sintático geralmente emprestado do distribucionalismo harrissiano ao qual foi acrescida a problemática da enunciação na perspectiva de Benveniste e de Jakobson. Isso constitui, nos primeiros textos de Jean Dubois (1969, p. 100-110), a base lingüística daquilo que será conveniente articular com “o exterior” da língua. As perspectivas abertas pelos trabalhos de Jean Dubois foram essenciais na constituição do projeto de análise do discurso, assim como a revista *Langages*, que ele dirige, foi o vetor determinante de sua difusão.

⁹ *Langages*, n. 81, 1986.

de um lado, combinar uma dimensão histórica e crítica e uma dimensão instrumental e positiva; de outro, articular os aspectos históricos e lingüísticos no tratamento do discurso. Que é feito disso agora?

2. Deslocamentos e mutações

Consultando esse conjunto de textos, constata-se que o campo da análise do discurso é o lugar de múltiplas tensões. Ela está dividida entre maneiras de trabalhar que a levam em direção à lingüística e outras, mais isoladas, que a solicitam do lado da história. Ela hesita entre o exame de um *corpus* doutrinal, com suas séries regulares de enunciados, que suas primeiras tentativas privilegiavam, e aquele de práticas languageiras dispersadas, heterogêneas. Enquanto que se limitava a descrição de textos, ela se volta, nesse momento, para práticas orais; quando observava, antes de tudo, a intertextualidade, os processos verticais que atravessam um conjunto de discursos para lhe dar coerência e consistência, ela recentrou a análise sobre o fio do discurso, a horizontalidade das seqüências discursivas. Ela examinava centralidades discursivas, ela pretende agora determinar as margens dos discursos.

Tais deslocamentos eram necessários. A primeira forma da análise do discurso havia demasiadamente reduzido o campo do discurso a tipos de *corpus* particulares. Mas, deve-se ver bem de que são acompanhadas essas novas exigências na maioria dos trabalhos que as expressam. Sob o termo de análise do discurso desenvolvem-se descrições do fio do discurso, efetuadas de um ponto de vista formal, interativo e conversacional, ou ainda gramatical que pura e simplesmente abandonam a articulação do texto ou da seqüência oral com as condições históricas – e, por vezes, até simplesmente situacionais – de sua produção. E se se confrontam esses trabalhos com o duplo objetivo que constituía o fundamento do projeto de análise do discurso, vê-se a dimensão histórica e crítica apagar-se em proveito da dimensão empírica ou da construção de procedimentos formais; e paralelamente, o aspecto lingüístico da análise recobrir, mais ou menos totalmente, as considerações históricas. A análise do discurso *gramaticalizou-se*.

Ela encontra-se, desse modo, em uma situação paradoxal. Onde outrora defendia a legitimidade de uma consideração dos funcionamentos discursivos, quando a lingüística dedicava-se exclusivamente à análise do sistema da língua, viu-se praticamente destituída de seu objeto pela adoção, muito ampla na lingüística dos anos 80, do termo “discurso” e pela multiplicação das problemáticas tendo como objeto empírico o discurso. Pois, essas problemáticas rompem de duas maneiras com a acepção primitiva do termo na análise do discurso dos anos 70. Quer elas operem uma descontextualização dos discursos em uma perspectiva formalista, o que volta, no fundo, a tratar o discurso como exemplo de língua; quer elas realizem uma contextualização parcial das seqüências discursivas no quadro de uma sociolingüística das situações e das interações (análises de conversação, de tipo formal ou de tipo, de preferência, sociológico, ou, às vezes, até de inspiração etológica; etnometodologias; diversos tipos de pragmáticas; análise dos rituais verbais e não verbais em prática na comunicação; ...).

Havia *uma* análise do discurso que queria articular história e lingüística. Existem agora *n* análises de discurso que, em sua maioria, abandonaram tal projeto.

Esse deslocamento só pode, no entanto, ser verdadeiramente compreendido a partir de uma história puramente interna, disciplinar, do conceito de “discurso”: essa mutação da análise do discurso na França também é o reflexo de um conjunto de fatores externos à história das ciências da linguagem, determinações que tiveram efeitos de reconfiguração interna do campo.

Poder-se-ia, inicialmente, prolongar o estudo que propõe B. Laks do campo da sociolingüística francesa de 1968 a 1983; e isso ainda mais legitimamente porque, em inúmeras de suas definições, a análise do discurso situou-se nessa filiação. No final do estudo de Laks, o domínio sociolingüístico surge como profundamente heterogêneo e cartelizado (Laks, 1984, p. 123). Laks nele sublinha a atração exercida pelas disciplinas próximas, a justaposição de grupos e de orientações sem vínculos nem influências recíprocas, a ausência de consenso. Dever-se-ia então ir além de uma geografia dos grupos e dos temas, limite que Laks não ultrapassa. E incluir outros fatores para compreender a configuração fragmentada e conflitual do campo, bem como a especificidade das posições e das estratégias daqueles que foram levados a nele trabalhar. Desse modo: uma vontade crítica geralmente baseada em um engajamento político que reclamava que, em matéria de lingüística, se incluiu o político e o social; uma concepção do trabalho científico concebido como um prolongamento da atividade militante que teve por consequência a reprodução das clivagens políticas no interior do domínio. A herança intelectual de Maio de 68: uma rebelião teórica contra o que era percebido como a centralidade das disciplinas, um gosto pelas margens e pelas descompartmentalizações interdisciplinares, aqueles de uma geração de universitários maciçamente recrutados entre 1969 e 1973, formados em ciências humanas, nos cursos superiores e nas preocupações freqüentemente heterogêneas em relação àqueles privilegiados pelos recrutamentos tradicionais. A lingüística cessava então de ser a propriedade dos *agregés*¹⁰ de gramática.

O desenvolvimento, desde o início dos anos 70, da análise do discurso, como o da sociolingüística, é também uma consequência da desestabilização de disciplinas teórica e politicamente contestadas, e devendo, além disso, absorver muitos elementos, em grande parte, heterogêneos. E quando Laks salienta que a percepção atual do domínio sociolingüístico faz disso “um subcampo dominado do campo da lingüística” (Laks, 1984, p. 123), ou quando se vê gramaticalizarem-se as descrições de *corpus* em análise do discurso, pode-se pensar que terá sido necessário uma vintena de anos para que essa desestabilização do campo tenha sido, pouco a pouco, assimilada em uma recomposição disciplinar (da qual o próprio estudo de Laks participa ativamente).

¹⁰ *Agrégé* é o professor titular do certificado de *agrégation*, que permite ministrar aulas em certos cursos universitários ou nos estudos secundários. N. T.

Mas tudo isso não é suficiente: deve-se fazer intervir outros fatores se deseja-se compreender o destino da análise do discurso na França. Ele me parece, com efeito, indissociável de um conjunto de elementos que modificaram profundamente “a ordem dos discursos” no decorrer dos últimos vinte anos. Acompanhando as determinações próprias a uma história interna das disciplinas, influenciando sobre elas, eles explicam, por um lado, a emergência de uma análise do discurso, as formas que ela pôde tomar, os objetos que elegeu, as transformações que sofreu. As mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas.

Para fazer a história da análise do discurso, assim como para fazer a de qualquer ciência humana, não se poderia postular a independência ou a neutralidade de métodos constituídos longe do objeto estudado. As transformações das análises do discurso são, a seu modo, um reflexo das mutações do próprio objeto em suas modalidades de existência material, em suas percepções individuais e coletivas. Não se faz a mesma análise do discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de shows televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma análise do discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais.

A análise do discurso, até então, dificilmente admitiu os pressupostos políticos que davam sentido e forma a suas operações, organizavam a própria estrutura de seus dispositivos. Ela resistiu à mutação de seus preconceitos em objetos de estudo¹¹. A situação agora mudou e pode permitir, livres dos conflitos de ontem, compreender a especificidade das formas que tomaram as pesquisas sobre o discurso na França desde o fim dos anos 60.

3. Políticas da leitura

Deve-se, em particular, justificar o seguinte fato: o discurso político havia se tornado a preocupação essencial das análises de discurso, mesmo que delas não tenha sido o objeto inteiramente exclusivo¹². Pela segunda vez, não se pode verdadeiramente compreendê-lo sem fazer intervir o vínculo que a pesquisa lingüística na França manteve com o marxismo no final dos anos 60, nem evocar o

¹¹ “Aqueles que acreditam que a ciência é ‘autônoma’ (...) consideram como não pertinente a análise das determinações sociais, e como estranhas ou acessórias as imposições que ela desvela. Essas imposições não são acidentais. Elas fazem parte da pesquisa. Bem longe de representarem a intromissão de um estranho no Santo dos Santos da vida intelectual, formam a textura dos procedimentos científicos” (De Certeau, 1975, p. 72).

¹² Considerando-se, de fato, a totalidade dos trabalhos efetuados a partir dos anos 69-70, o peso das descrições de *corpus* políticos é considerável e prevalece amplamente sobre as análises de discurso pedagógico ou científico e sobre as de diversos *corpus* tratados por historiadores.

lugar que este último ocupava então nos debates teóricos e políticos. E deve-se aqui salientar o fato de que o surgimento de uma problemática lingüística do discurso é contemporânea dos acontecimentos de Maio de 68. E lembrar a obsessão discursiva que foi a da revolta estudantil: Maio de 68 foi uma *revolução discursiva*, uma exasperação da produção dos discursos, uma multiplicação de sua circulação, uma inundação verbal que encheu as ruas, a mídia, deixou inúmeros traços textuais, cobriu as paredes das cidades. É o paradoxo de Maio: o processo de modernização das estruturas e das mentalidades que se realizava através da rebelião estudantil foi contado nas formas discursivas amplamente arcaicas de uma fraseologia revolucionária logo fadada a desaparecer. Primeira “revolução” midiática na França, ela deveu uma grande parte de seu impacto às imagens; ela se autocelebrou, no entanto, em uma profusão barroca de discurso, que aliava a irrupção das palavras espontâneas e os últimos ecos das línguas de madeira (do discurso político estereotipado).

Esse “momento discursivo” intenso fez sentir seus efeitos além dos clamores das ruas. No trabalho teórico, a idéia de que a crítica dos discursos era a primeira tarefa de toda crítica impôs-se. Michel Foucault quis em *Archéologie du Savoir* (1969) e em *Ordre du Discours* (1971) desfazer os vínculos que, silenciosamente, teciam a relação do discurso ao poder na materialidade de seus enunciados. Mas essa opção crítica do “todo discursivo” foi, sem qualquer dúvida, levada a seu paroxismo pelas concepções althusserianas da prática filosófica como “luta de classes na teoria”. A luta política tornou-se então uma simples questão de linguagem.

Concebe-se um dos benefícios diretamente políticos disso: a embaraçosa herança stalinista era escamoteada. O stalinismo, não era mais o Goulag e suas vítimas, mas, antes de mais nada, um problema teórico, uma questão de interpretação de textos, uma leitura errônea do marxismo, que uma releitura caracterizada por seus sintomas empenhava-se em retificar¹³. Benefícios secundários: o marxismo anunciava-se agora em uma língua aceitável para os intelectuais; a língua de madeira havia recobrado uma credibilidade perdida, provida, além disso, de garantias teóricas que permitiam a qualquer intelectual participar da luta de classe com mínimas despesas, uma vez que a luta de classe era “na teoria”.

Concebe-se então como pôde emergir um conjunto de questões, centrado sobre a relação entre discurso e ideologia, que se tornou um verdadeiro programa de pesquisas críticas para as ciências humanas: o que é um discurso teórico? Como reconhecer um discurso ideológico? Diferenciá-lo de um discurso científico? O trabalho althusseriano de releitura do *Capital* contribuiu amplamente para promover a necessidade de uma análise de discurso¹⁴. Os lingüistas, como muitos

¹³ Sobre a crítica do trabalho teórico de Althusser em sua relação à herança stalinista na França, remetemos ao excelente livro de Tony Judt (1986).

¹⁴ “(...) Romper com o mito religioso da leitura (...) Deve-se acrescentar que uma vez rompidos esses vínculos, uma nova concepção do discurso tornava-se enfim possível?” (Althusser, 1968, p. 14-15).

outros, foram sensíveis a esse debate. Mas se esperava deles um pouco mais: que fornecessem dispositivos objetivos e formais que permitissem distinguir um discurso científico de um discurso ideológico, um discurso revolucionário de um discurso reformista, separar o bom grão do joio. Esperava-se que a lingüística viesse dar sua legitimidade científica a uma política da leitura dos textos. E, por vezes até, que constituísse o instrumento de uma *pedagogia da verdade*. Desse modo, essa resposta de época a uma interrogação sobre o fundamento da análise do discurso político:

"Sim, temos algo a fazer aqui. A reflexão sobre o discurso político (...) deve ser desenvolvida e passada ao cidadão. O discurso oferecido pelo Estado ao cidadão francês é caracterizado por uma ambigüidade de superfície que, em princípio, permite leituras plurais das quais uma, a verdadeira, possível do ponto de vista lingüístico, é censurada porque é inaceitável no quadro da ideologia dominante."¹⁵

O projeto de análise do discurso toma lugar aqui em episódio moderno da distante relação entre pedagogia e política, quando se tratou, a partir da Revolução Francesa, para o professor republicano, depois para o militante operário, de "esclarecer o povo" ensinando-o a ler sua opressão nos próprios textos que, ao mesmo tempo, a expressam e a mascaram¹⁶.

A inscrição da análise do discurso em uma tal genealogia explica a predominância dos discursos políticos entre os *corpus* tratados durante esse período; e também a forma que tomaram a maioria dos trabalhos: descrições contrastivas que opunham discursos de direita e de esquerda, comunista e socialista, "reformista" e "revolucionário". Se se quis, na maior parte das vezes, apresentar as pesquisas que foram efetuadas sob os auspícios do marxismo e da lingüística independentemente desse conjunto de fatores históricos, foi de medo de enfraquecer seus resultados, de lançar uma desconfiança sobre sua legitimidade, de desqualificar sua neutralidade científica. É uma posição que me parece extremamente fraca: as determinações políticas de uma pesquisa constituem um viés tanto menos decisivo quando não há preocupação em considerá-los e analisá-los. Não se faz desaparecer aquilo que se sente como uma dificuldade recobrindo-a.

Não se pode, no entanto, explicar o surgimento dos trabalhos dos anos 60-70 sobre o discurso, as formas que puderam tomar, unicamente a partir desse conjunto de razões exteriores ao campo científico. O início dos anos 70 também é o esgotamento do paradigma da lingüística estrutural e o ressurgimento, na lingüística francesa, de uma perspectiva sociológica inscrita de longa data nessa tradição: ainda é a oportunidade, oferecida pelo contexto de

descompartimentalização das disciplinas, de pensar o vínculo entre história e lingüística. É, por fim, o desenvolvimento dos primeiros algoritmos de tratamento de texto que permitiram a elaboração de métodos de análise automática do discurso. Mas aqui ainda, o retorno da tradição sociológica em lingüística deu lugar à constituição de uma sociolingüística de inspiração marxista que se dedicou, antes de tudo, a descrever a diferenciação discursiva dos grupos políticos e sociais (Gardin; Marcellesi, 1974); a aliança interdisciplinar da história e da lingüística efetuou-se também sobre a base das questões polêmicas ligadas à interpretação política da Revolução Francesa (Robin, 1973).

4. História, discurso e práticas

Quanto à elaboração de uma "análise automática do discurso", ela não pode ser evocada, como acaba de nos lembrar Denise Maldidier, sem salientar o papel considerável que teve Michel Pêcheux nos debates que acompanharam o desenvolvimento da análise do discurso, e a posição que ele neles defendeu. Quando se faz o favor de querer considerá-la pela segunda vez hoje, percebe-se que essa posição realizou uma forma máxima de tensão entre objetivos que a dividiam: ela quis, com efeito, ao mesmo tempo, realizar uma função política e crítica, e uma função científica e positiva. Manter junto, consolidar a aliança de uma teoria marxista do discurso, de uma leitura política dos textos de um lado; de uma "análise automática do discurso", de outro, concebida como um dispositivo neutro de reconhecimento das frases, espécie de "máquina de ler" da qual se esperava que produzisse informaticamente uma "leitura não-subjetivada".

Desde a origem estava inscrita nessa aliança de uma utopia política e de um sonho positivista uma instabilidade que ia se agravar¹⁷. Ela só era sustentável pelo crédito que dava ao marxismo por seu caráter científico, bem como à paridade com o modelo de positividade que representava então a lingüística. O desaparecimento dessa ilusão, minada pelos acontecimentos políticos e as mudanças ideológicas, tornou insustentável o projeto de uma teoria do discurso concebida sobre tais bases.

Mas além desse tipo de construção teórica, então amplamente divulgado, havia razões mais específicas aos limites dessa problemática: sua *abstração*, indiferente à história, surda às transformações políticas que lhe eram contemporâneas.

Sem voltar ao detalhe dessa problemática, eu queria salientar a esse respeito dois traços, de um lado, um pensamento da contradição, referência última a partir da qual analisar as relações entre ideologia e discurso. Esses eram considerados, de fato, como a forma material de "formações ideológicas" não tendo existência fora do antagonismo que as une e as opõe. A única coisa que a burguesia e a classe operária têm em comum é seu confronto. Tudo isso repousava sobre uma "análise de classe" situada em total desacordo com o movimento

¹⁵ Ver Marcellesi, 1977, p. 2. Sou eu quem saliento.

¹⁶ Eu quis aplicar em outros lugares alguns elementos dessa história (Courtine, 1982).

¹⁷ Isso sugere uma outra pista genealógica possível, na linhagem dos socialismos utópicos, grandes amadores e consumidores de máquinas científicas.

político, social, cultural da França dos anos 70¹⁸. No mesmo momento em que Althusser escrevia, a classe operária à qual ele se referia estava desaparecendo. Reconfigurações econômicas, “contra-revolução” e êxodos industriais, transformação dos comportamentos políticos e mutação da identidade cultural dos operários: esses fatores, então em gestação, já haviam, sem que se soubesse ou que se quisesse vê-lo, tornado caduca a análise¹⁹. Do mesmo modo que se operava então a maturação de novas formas de comunicação política que iam, pouco a pouco, destituir o confronto verbal, o choque frontal, a surdez monológica dos aparelhos como únicas práticas legítimas da luta política. Declínio dos monólogos e desfeto de seus fiéis, triunfo das formas breves e da conversação, psicologização do espetáculo político, nova definição das relações entre a palavra e a imagem: dessa mutação dos discursos públicos contemporâneos, nada veio para a análise do discurso²⁰.

Segundo traço dessa articulação da ideologia e do discurso: uma série de reduções que levavam a uma abstração considerável daquilo que se pode entender por “discurso”. Subordinação, bem inicialmente, da história ao político: não há história em Althusser, ainda que uma “ciência da história” aí volte de modo encantatório; nada de história pensável fora da redução do histórico ao político, e da submissão do político ao ideológico. Redução, ainda, do ideológico ao discursivo: o discurso é a única materialidade da ideologia, à exceção de outras práticas. E aqui, pela segunda vez, uma cegueira considerável: em pleno desenvolvimento do aparelho audiovisual de informação, na véspera do reinado das imagens, é para a escola e suas práticas de leitura que Althusser dá o papel de “aparelho ideológico dominante”. Obsessão pelo texto, e ainda, pelo texto escrito²¹, considerado como vetor ideológico essencial. E no texto enfim, redução do discursivo ao sintático: o apoio sobre uma tradição exclusivamente formalista tomada por uma garantia quase-absoluta de cientificidade “materialista” (“há um real da língua”) foi o último momento de um fracasso das mutações ideológicas contemporâneas dessas análises, da historicidade das práticas linguageiras inéditas que aí se desenvolviam²².

¹⁸ Era, no plano histórico, um dos vieses da análise que eu consagrei, faz alguns anos, ao discurso comunista (*Langages*, n. 62, 1981).

¹⁹ Um pouco menos de psicanálise, um pouco mais de antropologia e de demografia históricas (sobre a mutação da classe operária, ver, por exemplo: E. Todd, 1988) teriam, com certeza, sido saudáveis para a análise do discurso.

²⁰ Ver sobre esse ponto Courtine, 1990.

²¹ Essa obsessão pelo texto e pela escola me parece poder ser compreendida admitindo-se que Althusser falava, ao mesmo tempo e sem verdadeiramente vê-lo, em seu célebre artigo sobre os aparelhos ideológicos de estado, da escola “capitalista” e do Partido Comunista Francês. A descrição de um aparelho obsedado pelas práticas escriturárias e fadado a sua única reprodução, parece-me uma visão mais adequada do PCF do que da escola da República. Esse tipo de confusão foi constante na linha política althusseriana, que jamais verdadeiramente soube se ela lutava prioritariamente contra o Estado capitalista, ou contra o aparelho comunista.

²² Houve aqui, sem qualquer dúvida, um artifício da razão filosófica: “Com Althusser, assistimos à *revanche tardia da herança idealista francesa afirmando sua primazia mesmo em sua justificação do*

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 6, p. 5-18, abr-jun, 1999.

Redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático: o *preconceito filológico* que atualmente se difunde abertamente em análise do discurso estava aí inscrito silenciosamente desde a origem.

Talvez, poder-se-ia, para concluir de maneira provisória, tentar responder de modo simples a algumas questões que a breve história que acabo de esboçar coloca. Ainda existe uma disciplina que se possa designar pelo termo de análise do discurso? Conservando-se para esse termo a acepção que tinha no contexto que descrevi aqui, a resposta é negativa. Aquela análise do discurso é doravante um dos objetos desse período barroco da história das idéias que terá conhecido os últimos brilhos, depois os falecimentos quase-simultâneos de duas formas maiores do pensamento francês do pós-guerra, o marxismo e o estruturalismo.

Existe, desde então, todo um conjunto de trabalhos lingüísticos que tomaram o enunciado regular como objeto, em diferentes contextos e segundo diferentes perspectivas: textos, fragmentos de conversações, seqüências orais, interações verbais,... Qualquer que seja sua importância e seu interesse, não se trata contudo aqui, na maioria dos casos, parece-me, de discursos. Simplesmente porque *o discurso não é um objeto lingüístico*. As próprias dificuldades daquilo que havia se constituído como análise do discurso sob os auspícios do marxismo e da lingüística dos anos 69-70 o indica suficientemente: não se pode conceber perspectiva geral sobre a discursividade somente a partir da textualidade, no apagamento de toda dimensão histórica.

O projeto de pesquisas sobre os discursos que devolvem à discursividade sua espessura histórica não está, no entanto, caduco, mas deve ser inteiramente repensado. Parece-me, em particular, que ele poderá fazer a economia da análise de representações complexas feitas de linguagem, de imagens e de práticas²³. Analisar discursos não pode mais se limitar a caracterizar diversos tipos de textos em diferentes níveis de funcionamento lingüístico. Mas em pensar e em descrever a maneira como se entrecruzam historicamente regimes de práticas e séries de enunciados; e em rearticular, desse modo, as perspectivas lingüística e histórica em uma direção, outrora indicada por Michel Foucault, que poderia ser aproximada daquela que Roger Chartier precisa em seus termos:

“... Os discursos (...) constituem não o único, mas o mais maciço dos materiais da história. Nenhum deles pode ser manejado sem ser submetido ao duplo questionário, crítico e genealógico, proposto por Foucault, visando marcar suas condições de possibilidade e de produção, seus princípios de regularidade, suas imposições e suas apropriações. A tarefa é inscrever no centro da

marxismo mais materialista” (Judt, 1987, p. 238). Nisso também, Althusser terá sido o último dos filósofos marxistas franceses.

²³ É em um tal quadro que recentemente esbocei uma análise das mutações contemporâneas dos discursos públicos (ver Courtine, 1990).

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 6, p. 5-18, abr-jun, 1999.

crítica documental, que constitui a mais durável e a menos contestada das características da história, o questionário e as exigências do projeto de análise dos discursos tal como foi formulado em articulação com o trabalho efetivo dos historiadores, e cujo objeto é, finalmente, as imposições e o meios que regulam as práticas discursivas da representação... Por outro lado, pensar o trabalho histórico como um trabalho sobre a relação entre representações e práticas..." (Chartier, 1987, p. 16-17).

Bibliografia:

- ALTHUSSER, L. *Lire le Capital*. t. I, Paris: Maspéro, 1968.
 _____. *Positions*. Paris: Éditions Sociales, 1976.
 CHARTIER, R. Le passé composé. *Traverses*, n. 40, 1987.
 CHEVALIER, J.C. La langue linguistique et histoire. *Faire de l'histoire*, Paris: Gallimard, t. 3, 1974, p. 131-132.
 COURTINE, J.-J. L'instituteur et le militant: contribution à l'histoire de l'analyse du discours en France. *Archives et Documents de la SHESL*, n. 2, 1982.
 _____. Les glissements du spectacle politique. *Esprit*, n. 164, p. 152-164, 1990.
 DE CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
 DUBOIS, J. Énoncé et énonciation. *Langages*, Paris, n. 13, p. 100-110, 1969.
 GARDIN, B.; MARCELLESI, J.B. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Larousse, 1974.
 GUESPIN, L. Problématique des travaux sur le discours politique. *Langages*, Paris, n. 23, 1971.
 _____. Les embrayeurs en discours. *Langages*, Paris, n. 41, 1976.
 JUDT, T. *Marxism & the French Left*. New York; London: Oxford University Press, 1986. (tradução francesa: Paris, Flammarion, 1987)
 LAKS, B. Le champ de la sociolinguistique française de 1968 à 1983: production et fonctionnement. *Langue Française*, n. 63, 1984.
 MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*; textes de M. Pêcheux choisis et présentés par D. Maldidier. Paris: Éditions de Cendres, 1990.
 MARCELLESI, J.B. L'analyse du discours en France: oppositions ou contradicções?, *document ronéoté*, Université de Mexico, 1977.
 PÊCHEUX, M. *Language, Semantics and Ideology*. London: MacMillan, 1982.
 ROBIN, R. *Histoire & Linguistique*. Paris, A. Collin, 1973.
 _____. Le hors-texte dans le discours politique. *Recherches et Théories* (Université du Québec à Montréal), n. 19, 1979.
 TODD, E. *La nouvelle France*. Paris: Seuil, 1988.

El anatomista de Federico Andahazi¹

Francisco Domínguez Durán²
 Tradução: Márcia Hoppe Navarro³

Aqui está um romance apaixonante e ousado. Apaixonante, já que investiga as raízes do pensamento europeu moderno sobre a natureza da mulher, e ousado porque é um romance feminista...escrito por um homem. A ousadia não se deve somente ao fato de que aborde um tema "normalmente" abordado por escritoras mulheres, mas porque, além disso explora, literariamente, os recônditos labirintos da libido feminina.

Seu objeto de análise literária é aquela parte da anatomia feminina tão difícil de descobrir para tantos homens, e tão oculta e reprimida culturalmente na perspectiva de tantos milhões de mulheres - e de homens - no mundo. A história trata das metamorfoses investigativas de um cientista renascentista italiano, Mateo Colombo, quem, para poder conseguir o amor de Mona Sofia, procura com afínco e determinação "a chave mágica que abre o coração das mulheres, o segredo que governa a misteriosa vontade do amor feminino" (p. 13)⁴. Trata-se do *Amor Veneris* ou *Kleitoris*. Os membros da alta hierarquia da Igreja Católica, ao se defrontarem com este extraordinário acontecimento, decidem colocar Mateo Colombo nas mãos do adusto e severo tribunal da Santa Inquisição. Perguntam-se as doudas autoridades eclesiásticas da época que destino teria a cristandade se este feminino objeto do pecado caísse sob o controle das hostes de Satanás. Tal descobrimento é, para os guardiães da Santa Inquisição, simultaneamente herético e erótico, no pior sentido que tinham estes termos no beato século XVI, pois oferece à mulher a possibilidade de converter-se também em sujeito sexual.

A ironia, o sarcasmo e, por que não dizê-lo, a verdadeira audácia com que Andahazi aborda o tema é (literariamente falando) deliciosa. Ri com justiça da fanfarronice dos homens da época e, por extensão, dos atuais, que inutilmente adotam todo tipo de estratégias absurdas e ridículas para impressionar sexualmente às mulheres com destrezas e tamanhos falsamente exagerados.

No romance a objetivação da mulher se faz de forma magistral e poderosa: Colombo, o anatomista, utiliza cadáveres femininos para as dissecações

¹ Texto gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação. Trata-se de resenha do romance *El anatomista*, publicado em Buenos Aires, pela Planeta, em 1997.

² Chefe de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Middlesex, Inglaterra.

³ Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Para as citações foi utilizada a tradução em português de Paulina Wacht e Ari Roitman de ANDAHAZI, Federico. *O anatomista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. N.T.

anatômicas empreendidas pelos estudantes da cátedra de medicina da Universidade de Pádua. Tanta era a necessidade de cadáveres que se havia desenvolvido um comércio clandestino e “tanta era a necrofilia, que o mais alto elogio a que uma mulher podia aspirar era: - *Que belo cadáver tendes - diziam antes de degolá-la.*” (p. 38). Mateo Colombo realiza estudos de anatomia também em mulheres vivas e “suas mãos sabiam tocar numa mulher como as mãos de um músico sabem tocar seu instrumento. Os imprecisos limites entre a ciência e a arte faziam de suas mãos o instrumento mais sublime, mais elevado e difícil: a efêmera arte de dar prazer; disciplina que, como a da conversação, não deixa traços nem testemunhas.” (p. 41).

Contudo, o descobrimento de Mateo Colombo deveria enfrentar todo o poder e a virulência misóginos da Igreja Católica. O guardião mais importante, o reitor Alessandro de Legnano, uma mediocridade (que “ninguém ignorava, nem mesmo os Doutores da Igreja, era dono de uma inteligência próxima à de uma mula, mas usufruía da influência do Vaticano”), além de ser um misógino militante, a “mera menção de um certo ‘prazer de Vênus - por mais de um motivo - fervia-lhe o sangue.’” (p. 37). O crime de Mateo Colombo era infinitamente grave: ter desvelado “aquilo que devia manter-se para sempre ignorado.” (p. 43).

O romance nos apresenta a tese de que parte importante da subjugação da mulher consiste no controle e repressão de sua sexualidade por parte do homem. O anatomista não é um revolucionário decidido a lutar pelo direito da mulher ao prazer sexual. Nem sequer tem ele a intenção de desafiar os sagrados cânones da Igreja sobre a mulher. Isto é, ao contrário de outros condenados pela Inquisição, “não caminhava decidido para a fogueira em nome da verdade.”. A “origem da descoberta era um amor fracassado. O anatomista não ansiava a compreensão das leis gerais que governam o obscuro proceder feminino mas, simplesmente, um lugar no coração de uma mulher.” (p. 44). Esta era Mona Sofia que havia sido criada em um bordel de Veneza sob uma rígida educação cristã (“porque - obviamente - uma boa puta devia ser cristã.” - p. 46). Andahazi nos exhibe a corrupção venal e sexual dos clérigos da época - época, diga-se de passagem, do apogeu do Catolicismo -. O vigário que ministra os primeiros sacramentos à menina Mona Sofia exige, como pagamento, os serviços de uma das pupilas do bordel durante quinze dias e “per tutti gli orifici” (p. 47). O autor nos mostra o clero e a nobreza vigorosamente dedicados à necrofilia, pedofilia e outras sexofilias. A mulher, desde criança, é um objeto sexual involuntário, obrigado, dos homens com poder.

Mona Sofia é de uma beleza perturbadora, mas além disso é de temperamento independente e feroz, possuidora de “uma malícia inteligente, sarcástica, que ispirava a mesma fascinação, o mesmo medo que o olhar da serpente infunde em suas vítimas”, nos supersticiosos “despertava terrores e negros augúrios”, e nos religiosos “temores satânicos, porque, sabia-se, a inteligência numa mulher bonita era sinal indubitável da influência do demônio.” (p. 47). A associação da inteligência feminina com o demônio, ou com o mal,

dispensa comentários. O que Andahazi parece estar nos dizendo é quão pouco as coisas mudaram desde então. Mateo Colombo busca primeiro, inutilmente, todos os afrodisíacos possíveis para apoderar-se da “chave do paraíso”. A solução para despertar e liberar a libido de uma mulher - como elas bem o sabem - não está na magia de uma poção artificialmente elaborada com ingredientes exóticos. Nisso também não mudaram muito as coisas desde o século XVI. O anatomista - como seu homônimo genovês, Cristóvão Colombo, - realiza “seu descobrimento” no corpo de Inês de Torremolinos, que se encontrava quase em seus últimos suspiros, devido à carência total do desfrute do *frenesi veneris*, hoje em dia conhecido como orgasmo, e provavelmente tão raro hoje como o era naquela aziaga época. É no corpo de Inês de Torremolinos que Colombo descobre este órgão que parece ser “a sede do amor e do prazer da enferma” (p. 105). E, como seu homônimo genovês, Mateo Colombo escreveu “Oh, minha América, minha doce terra encontrada.” no começo de um dos capítulos de sua obra científica. Seu descobrimento se transforma em euforia quando comprova não apenas que essa protuberância existia em todas as mulheres mas que produzia o mesmo *frenesi veneris* em todas elas. Como havia sido possível que aquele *doce tesouro* passara inadvertido durante séculos? Paradoxalmente, o descobrimento deste diminuto diamante é para Mateo Colombo “a prova irrefutável da inexistência da alma nas mulheres.” (p. 109).

Andahazi decifra o enigma contido nesta afirmação no julgamento que a Santa Inquisição impinge a Colombo acusando-o de heresia, blasfêmia, bruxaria e satanismo. Na alegação incriminatória de Alessandro de Legnano se acusa Mateo de atribuir-se ter encontrado o órgão que governa a vontade, o amor e o prazer nas mulheres, “como se a vontade da alma e o prazer do corpo pudessem ser colocados em pé de igualdade.” (p. 123). Tal descobrimento “não passa de um diabólico embuste.”. A defesa de Mateo Colombo, dividida em dezenove capítulos, consiste em um desatinado discurso sofisticado: todas as questões relacionadas ao corpo devem demonstrar-se, antes, de maneira teológica. Apresentar uma tese sobre o corpo implica, forçosamente, em expor outra sobre a alma. Consequentemente, a anatomia não faz outra coisa que decifrar a Obra do Todo-Poderoso cujas Verdades estão contidas nas Sagradas Escrituras. Os movimentos musculares não têm nenhuma conexão com a alma, por conseguinte, as paixões não têm nenhuma relação com o corpo, são geradas e acabam na alma, que intervém no corpo quando os órgãos sexuais são estimulados e impede o pecado da carne. Desta maneira, o amor é um puro atributo da alma, enquanto o impulso sexual é puramente corporal: na reprodução, o esperma do homem contribui com a alma do ser futuro, enquanto a mulher colabora apenas com a matéria do futuro ser, quer dizer, com o corpo. Mas, diferentemente do homem, a mulher tem literalmente a alma no corpo, o órgão chamado Amor Veneris que governa todas as ações da mulher, “das mais nobres às mais repugnantes, das mais dignas e honrosas às mais vis e desprezíveis” (p. 141). Neste sentido, desde a “mais promíscua prostituta até a mais fiel e casta esposa, da mais devota e consagrada religiosa àquela que pratica bruxaria, todas as mulheres, sem

distinção, são objeto do arbítrio desta parte anatômica;" (id). O esperma masculino, ao contrário da matéria fecal ou urinária, é metafísico, pois não necessita, imperiosamente, ser evacuado. Por outro lado, na mulher, os fluidos que produz são expulsos para o interior do corpo com consequências demoníacas: "se algum lugar do corpo é escolhido pelo demônio para fazer sua morada, não duvideis que tal ponto é o Amor Veneris." (p. 146). Assim, a definição de mulher oferecida por Mateo Colombo é encantadoramente horrível: "toda aquela carne que circunda o Amor Veneris." (p.150). Daria muito trabalho encontrar uma objetivação da mulher mais brutal do que esta. Mateo Colombo se salva da fogueira não graças a sua brilhante, porém falsa, defesa, mas devido à intervenção da Divina Providência.

A paranóia e a insegurança masculinas recebem uma boa surra em *O anatomista*. A pergunta que domina toda a história é: Que calamidades não se abateriam sobre a Cristiandade se as filhas de Eva descobrissem que trazem no meio das pernas as chaves do céu e do inferno? (p.13). Uma leitura superficial de *O anatomista* levaria provavelmente muitos homens a trivializarem a crueza e franqueza da linguagem de Andahazi (dá quase para imaginar o riso abafado, o comentário vulgar, o gesto grosseiro). Contudo, o sarcasmo e a ironia são deliberados no romance para ressaltar a violência misógina inevitavelmente contida na objetivação da mulher - desde seus primeiros anos neste mundo - e, principalmente, o dualismo amor-sexo que, aliado à frustração sexual da mulher constantemente produzida pelo patriarcado, são horrores que afetam nem mais nem menos que à meia humanidade, causando pavorosos níveis de violência e sofrimento que a outra metade, sem querer querendo, perpetua. Se é que há alguma dúvida sobre a seriedade com que Andahazi trata o tema, a resolução da trama neste romance provocativo desemboca na doença, na circuncisão feminina e na morte. As grandes perdedoras do romance são, como na própria vida, as mulheres. Um excelente romance. Sua leitura: um dever.

Os dicionários bilíngües: parâmetros de avaliação lexicográfica¹

Cristina Gelpí Arroyo²

Tradução: Cleci Regina Bevilacqua³

Apresentação

Todas as atividades, os processos e os procedimentos são objeto, de modo praticamente sistemático, de uma avaliação de funcionamento. De fato, cada vez que vemos um programa de televisão, dirigimos um carro, fazemos uma prova ou colocamos em prática um processo químico, por exemplo, fazemos diversas operações que implicam um processo de controle da operação que realizamos. Para este control, verificamos o canal de televisão que escolhemos, controlamos o retrovisor do carro, somos avaliados em uma prova ou seguimos os passos estabelecidos para conseguir um produto químico.

Nossa atividade normal está repleta, e de modo contínuo, de operações destinadas a verificar e assegurar a adequação entre o que fazemos e o que esperamos como resultado de nossas opções. Daí depreende-se o conceito de avaliação que tomamos como ponto de partida.

Por avaliação entendemos o processo que determina o mérito ou o valor de alguma coisa (Scriven, 1991). A avaliação supõe um processo ou um conjunto de processos para a obtenção e análise da informação relevante sobre a qual se deve fundamentar um juízo de valor em relação a um objeto, um fenômeno, um processo ou um fato, como uma base para uma eventual decisão sobre o mesmo objeto, fenômeno ou fato (Cabrera, 1986).

A partir daqui, se deduz, por lógica, que qualquer atividade que se queira qualificar objetivamente deve poder ser avaliada; deve poder ser medida em termos de eficácia, de eficiência e de rentabilidade, entre outros. Neste sentido, um processo químico, uma prova, um curriculum ou o arranque de um avião, por exemplo, são atividades que podem ser reduzidas a um conjunto de instruções que nos permitem, através da qualificação, fazer uma avaliação.

Visto desta perspectiva, entendemos que avaliar representa objetivar, medir a eficácia do que se questiona a partir de critérios de êxito. Consideramos que este processo de medida de eficácia também pode ser aplicado aos dicionários

¹ Agradecemos à autora a permissão para traduzir e publicar o presente texto, originalmente escrito em catalão.

² Instituto Universitário de Lingüística Aplicada - Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha.

³ Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está realizando seu Doutorado na Universidade Pompeu Fabra.

e partimos da base de que os mesmos parâmetros que servem para determinar o êxito de um produto ou de um procedimento também podem ser utilizados para avaliar os dicionários bilíngües de orientação geral e sincrônica.

Neste artigo, nos propomos, por um lado, determinar os elementos necessários em um processo de avaliação; por outro, estabelecer os parâmetros que são pertinentes para a avaliação de dicionários bilíngües de orientação geral e sincrônica. Finalmente, pretendemos aplicar o sistema de avaliação que propomos ao panorama de recursos lexicográficos da combinação lingüística catalão-espanhol, espanhol-catalão.

1. O processo de avaliação lexicográfica

Da noção de avaliação que apresentamos, depreendem-se três idéias fundamentais (Cabrera, 1986) que adotamos neste trabalho:

- a) *O processo de avaliação serve de base para tomar decisões*, o que implica o caráter instrumental da avaliação.
- b) *Toda avaliação implica um juízo de valor sobre o objeto avaliado e, conseqüentemente, um critério de comparação.*
- c) *A avaliação é um processo sistemático*, no qual é possível distinguir três passos sucessivos: a) especificação tanto das decisões a serem tomadas com os resultados como dos critérios a partir dos quais serão valorados; b) obtenção da informação; c) comparação da informação obtida com o critério adotado para poder emitir um juízo de valor sobre o objeto avaliado.

Este sistema de medida é aplicável à maioria de produtos para os quais se quer garantir uma determinada qualidade. Por esta razão, é também aplicável aos dicionários e inclusive aos dicionários bilíngües, entendidos como obras lexicográficas nas quais os lemas da língua de partida são substituídos por equivalentes na língua de chegada.

Mas por que é interessante avaliar? E por que é necessário estabelecer medidas de avaliação lexicográficas para os dicionários bilíngües e, mais concretamente, os bilíngües catalães de orientação geral e sincrônica?

Fundamentalmente, e seguindo Cabré (1994) quando faz referência à lexicografia catalã, entendemos que

“não há dúvida que a língua catalã dispõe de dicionários que codificam o seu léxico /.../, mas nem por isso se pode afirmar mecanicamente que este panorama de recursos é totalmente satisfatório, se não se dispõe de uma revisão crítica não somente do inventário desses recursos, mas também da sua qualidade e de sua adequação. Esta revisão crítica não foi feita. Uma análise deste tipo permitiria detectar, em primeiro lugar, se o conjunto lexicográfico catalão cobre ou não as necessidades dos usuários; em segundo lugar, permitiria saber se os recursos disponíveis são não somente de qualidade, mas também se são adequados aos

diversos usuários da língua. Uma análise crítica que dispusesse de modelos de avaliação lexicográfica (atualmente inexistentes), situaria a lexicografia catalã no lugar que lhe corresponde e a partir do qual deveria planificar sua evolução.”.

Algumas das afirmações deste parágrafo justificam o interesse e a necessidade de estabelecer um sistema de avaliação lexicográfica:

- Em primeiro lugar, deve-se avaliar para poder dar conta da produção lexicográfica real, bilíngüe para este caso, existente no mercado.
- Em segundo lugar, deve-se avaliar para que se possa justificar se o panorama de recursos que dispõe a lexicografia bilíngüe de uma língua é satisfatório. Esta satisfação deveria poder ser medida em termos de “qualidade” e de “adequação”. Qualidade respeito aos parâmetros objetiváveis que permitem determiná-la e adequação em relação às necessidades (entendidas como finalidades) e às características dos usuários que utilizarão os dicionários bilíngües.
- Em terceiro lugar, para a avaliação será necessário estabelecer rotinas de juízo objetiváveis, aspecto atualmente inexistente.
- Em quarto lugar, com um sistema de avaliação será possível relacionar o grau de adequação entre a obra real e o usuário potencial ao qual se destina.
- Em quinto lugar, avalia-se o panorama lexicográfico de uma língua, porque, deste modo, será possível contribuir para situá-la em seu estágio de desenvolvimento, a partir do qual deve-se planificar sua evolução.
- Finalmente, a avaliação dos dicionários é interessante, porque nossa maneira de agir inclui a avaliação de grande parte das atividades que realizamos. Os dicionários, neste sentido, não devem ser uma exceção.

Em outras palavras, acreditamos que é necessário um sistema de avaliação lexicográfica que nos permita determinar a qualidade e a adequação dos produtos lexicográficos, bilíngües neste caso. Além disso, consideramos que avaliar é interessante por diversos motivos: para evitar uma má compra (a aquisição de uma obra lexicográfica que não esteja destinada a cobrir as necessidades que os usuários possuem em um momento concreto); para evitar um mau uso (um dicionário é uma obra lexicográfica que se deve saber usar efetivamente); para evitar a decepção que provoca uma má aquisição e um mau uso nos usuários insatisfeitos.

Além disso, a avaliação é uma atividade própria das disciplinas que se consideram científicas. Por essa razão, a lexicografia, campo aplicado da lingüística, não deve esquecer estes sistemas para determinar a adequação dos seus produtos ao mercado no qual funcionam. Convém, portanto, que comecemos a pensar que a garantia de um bom produto lexicográfico também deve levar em conta a avaliação e a qualificação. Deste modo, se evitaria a compra de obras lexicográficas pela importância da editora que as lança no mercado, pelo seu preço ou pelos aspectos exclusivamente de design do material (entre outros), e não pelas características internas da obra, que a tornam especialmente apta para cobrir as

necessidades de usuários concretos e a convertem em instrumentos úteis para funções determinadas.

Por tudo isso, podemos afirmar que avaliamos porque é necessário; porque necessitamos critérios confiáveis que nos ajudem a garantir a confiabilidade das obras que consultamos, dos produtos que consumimos.

Cabe observar que a avaliação, no sentido de revisão ou de crítica, isto é, entendida como o processo para obter um juízo de valor, não é um processo estranho e, além disso, esta concepção de avaliação lexicográfica (parcial segundo nosso parecer) também não é estranha, pelo menos, na Catalunha. Na verdade, há muita crítica e valorização lexicográfica, em sentido mais genérico e não específico, e de forma bastante produtiva. Contudo, não podemos considerar que este processo seja feito de forma sistemática. Mais que isso, podemos afirmar que se descrevem obras lexicográficas, ou que se revisam e valoram obras concretas. Nesse sentido, dispomos de várias compilações que, de forma mais completa (ver *Els diccionaris catalans* de Cabré e Lorente, 1991) ou mais parcial, analisam as obras lexicográficas contemporâneas ou de outros tempos.

Mais que fazer uma avaliação, na maioria dos casos pode-se falar de valoração, entendida como *determinação do mérito, do apreço, do reconhecimento de um produto*. Sobre esta distinção, partimos da base de que avaliação e valoração correspondem a dois enfoques e a duas atividades claramente diferenciadas. Aqui trata-se de avaliação e não de valoração de um tipo de texto concreto, a saber, o dicionário bilíngüe.

Avaliar é seguir um processo para poder determinar o grau de coerência entre os resultados e os objetivos a que nos propusemos. No caso deste trabalho, o objetivo é seguir um processo para medir a eficácia de um produto lexicográfico através de uma escala de valores definida para os critérios e estabelecida previamente para determinar seu grau de êxito. Assim, acreditamos que a avaliação completa se estabelece sobre as bases seguintes: a avaliação deve ser sistemática, contínua e integral.

- a) A avaliação é sistemática quando obedece a um plano pré-concebido e não é feita de maneira ocasional ou incidental.
- b) A avaliação é contínua quando se leva a cabo ao longo de um período, ou seja, não é pontual.
- c) A avaliação é integral quando se avaliam todos os elementos que intervêm no produto: elementos materiais, elementos formais, elementos pessoais, elementos categoriais, elementos metodológicos.

Qualquer obra lexicográfica bilíngüe existente no mercado, acessível a qualquer usuário, deveria poder submeter-se a este processo. Assim, do mesmo modo que os produtos que compramos no supermercado indicam a composição, a data de vencimento, a empresa responsável, etc., um dicionário bilíngüe também deveria apresentar garantias semelhantes. Trata-se, definitivamente, de fazer com

que o usuário que adquira um dicionário bilíngüe saiba claramente o que nele encontrará, que informações contém, para que e como poderá utilizá-lo, como o manuseará e a quem deverá dirigir-se no caso de não estar satisfeito com o produto.

Avaliamos, finalmente, seguindo um processo sistemático, não improvisado, no qual é possível distinguir três passos fundamentais: a) o primeiro implica uma especificação dos critérios a partir dos quais se valorarão os dicionários bilíngües; b) o segundo é o momento da obtenção da informação; c) no terceiro passo, compara-se a informação obtida com o critério adotado com o objetivo de emitir um juízo de valor sobre o objeto avaliado.

2. Critérios de avaliação de dicionário bilíngües

Os dicionários são obras lexicográficas resultantes da aplicação dos pressupostos e das técnicas tanto da lexicografia como da terminologia. Por dicionário entende-se não apenas um produto lingüístico, mas também sociohistórico, pedagógico, comercial e estilístico. Além disso, pode-se considerar que, na elaboração de um dicionário, é necessário fazer quatro opções que explicam a diversificação das obras lexicográficas: psicolingüísticas (para cobrir insuficiências intelectuais e/ou lingüísticas dos falantes); sociolingüísticas (que levam à adoção de um modelo de léxico, evidentemente dentro de um modelo de língua); lingüísticas (que dão como resultado tipos de dicionários diferentes, segundo as características da superestrutura, da macroestrutura e da microestrutura) e funcionais (que também resultam em tipos de dicionários diferentes, segundo a posição que adota o autor em relação aos destinatários). Do mesmo modo, os dicionários podem ser descritos, como mínimo, a partir de dois pontos de vista: o primeiro, de acordo com a organização que apresentam, e o segundo, a partir do modelo lingüístico que oferecem.

Consideramos como dicionário bilíngüe o dicionário que contém duas línguas históricas, no qual os lemas são substituídos por equivalentes na língua de chegada e que tem como objetivo principal colocar em relação de equivalência as unidades léxicas de uma língua com as unidades léxicas de uma outra língua entre as quais existe equivalência no significado léxico. Além desse objetivo, os dicionários bilíngües também servem para outros propósitos determinados pelo desenvolvimento da sociedade. São peças chave no ensino de línguas desde o ensino primário até a universidade; são úteis como ajuda para a comunicação em línguas estrangeiras, no mundo comercial e na administração pública; são indispensáveis para as pessoas que trabalham com correspondência comercial como tradutores e intérpretes. Os dicionários de tradução especializada são também um elemento essencial na comunicação especializada entre empresas, entidades públicas e organizações internacionais.

Os parâmetros de avaliação que adotamos estão, evidentemente, relacionados com as características do produto lexicográfico e com as peculiaridades dos usuários que o utilizam. Reduzimos estes parâmetros a três

eixos: as funções que cobrem os dicionários bilíngües de orientação geral, os usuários dos dicionários bilíngües e as estruturas que compõem este tipo de dicionário.

Em relação ao primeiro eixo, isto é, a *função* que cobrem os dicionários bilíngües, consideramos duas questões. Em primeiro lugar, partimos da base de que as funções possíveis de serem atribuídas aos dicionários bilíngües são a produção e a compreensão de textos, atividades que exigem recursos diferentes dos dicionários e também habilidades específicas por parte dos usuários. Em segundo lugar, e como consequência da distinção por funções, constatamos que não é possível dedicar a mesma atenção, em um mesmo dicionário, a cada função, o que exigiria, para considerar um panorama lexicográfico como satisfatório, dispor de dicionários diferenciados por funções.

Destes dois pressupostos, conclui-se que, para resolver satisfatoriamente as necessidades dos usuários das línguas do dicionário e para a produção e a compreensão de textos, a lexicografia bilíngüe de uma combinação linguística deveria dispor idealmente de quatro tipos diferentes de dicionários (exemplificados na combinação catalão-espanhol):

- um dicionário catalão-espanhol para a produção em espanhol para usuários catalães;
- um dicionário espanhol-catalão para a produção em catalão para usuários espanhóis;
- um dicionário espanhol-catalão para a compreensão do espanhol para usuários catalães e
- um dicionário catalão-espanhol para a compreensão do catalão para usuários espanhóis.

Isto exigiria um panorama lexicográfico composto, pelo menos, por dois dicionários bifocais ou então quatro monofocais.

O segundo elemento que levamos em consideração para estabelecer a proposta de avaliação lexicográfica são os *usuários*, que concebemos como inseparáveis da função estabelecida para o dicionário. Sobre este pressuposto, todos os lexicógrafos, independentemente da orientação que defendem, coincidem sobre o fato de que os dicionários são produtos que devem ser úteis a um tipo possível ou potencial de usuário. Partindo dessa constatação, os usuários convertem-se em um fator essencial dos dicionários bilíngües, de modo que suas características e suas necessidades condicionam a quantidade e o tipo de informação que os dicionários deveriam oferecer.

O interesse pelo usuário tem sido constante na metalexicografia atual e tem gerado diversos tipos de estudos, entre os quais destacamos, por um lado, os que se centram nos aspectos práticos da elaboração de dicionários e, por outro, os que pretendem elaborar classificações para determinar as necessidades dos usuários.

Quanto à primeira linha de estudo, a dos aspectos que influem na produção lexicográfica, concordamos com Werner (1996) sobre o fato de que um dicionário adaptado às necessidades e à língua de um usuário perfilado configura-se com base em parâmetros de tipos diversos:

- a seleção das unidades léxicas e suas acepções da língua de partida sobre as quais o dicionário deve oferecer informação;
- a seleção de formas léxicas que devem figurar como lemas e debaixo das quais o usuário deve buscar informação sobre formas gramaticais de um lema da língua de partida ou da língua de chegada;
- a seleção dos componentes que oferecem determinado tipo de informação nas entradas e em outras partes do dicionário (informação gramatical, conteúdo semântico, etc.);
- a seleção dos sistemas de instrução e das formas de apresentação;
- a seleção da língua na qual se formula a informação que acompanha o lema e os equivalentes no artigo lexicográfico.

Quanto à segunda linha de estudo, ou seja, a que centra seu interesse em classificar os usuários dos dicionários, cabe destacar que as classificações propostas organizam o conjunto possível de usuários de dicionários a partir de pontos de vista diferentes: desde as classificações clássicas tripartidas (que distinguem três grupos: público em geral, profissionais e aprendizes) até as classificações mais sociológicas (entre as quais é possível destacar a classificação de Alain Rey (1977) que distribui os usuários em grupos, de acordo com o seu potencial econômico e o seu grau de formação). De qualquer modo, embora as tentativas de classificar os usuários de dicionários tenham sido uma prática habitual, os usuários de dicionários bilíngües não foram classificados especificamente; ao contrário, foram tratados conjuntamente com os usuários de dicionários de outros tipos.

Neste contexto, o interesse em classificar os usuários das obras lexicográficas não é, portanto, novo e, de fato, desde que apareceram as primeiras obras deste tipo, os autores e editores de dicionários ocuparam-se em perfilar as características do consumidor deste produto. Contudo, mais frequentemente do que se supunha, este tipo de informação não oferece dados realmente necessários, seja porque a questão do destinatário principal do dicionário não foi levada excessivamente em consideração, seja porque a obra foi elaborada pensando em um público bastante amplo.

Segundo nossa opinião, as características dos usuários dos dicionários bilíngües são tão relevantes que chegam, inclusive, a condicionar a quantidade e o tipo de informação que o lexicógrafo inclui no dicionário. Por esta razão, não surpreende que o interesse em classificá-los, delimitando assim suas necessidades, seja uma das tarefas que ocupa boa parte dos metalexicógrafos atuais.

Embora não seja simples estabelecer uma classificação de usuários, consideramos que se deveria tentar levá-la a cabo. Nesse sentido, propomos uma classificação de usuários alternativa, que parte da divisão do mercado em quatro segmentos, segundo a combinação de cinco variáveis específicas (Gelpí, 1997):

1. A atividade de produção ou de compreensão que se pretende realizar;
2. o nível de conhecimento da língua de partida do dicionário (catalão ou espanhol);
3. o nível de conhecimento da língua de chegada do dicionário (catalão ou espanhol);
4. as habilidades de navegação (capacidade do usuário para encontrar o que busca em um dicionário);
5. a frequência de uso do dicionário bilíngüe (mínimo 1, máximo 5).

Uma classificação que leve em conta estes parâmetros permite classificar um usuário em mais de um grupo de acordo com o comportamento que obtenha em cada variável. Não restringe, portanto, um usuário a um grupo de usuários fixo, independentemente do grau de conhecimento da língua estrangeira que possui, por exemplo.

O terceiro eixo que consideramos para a proposta de avaliação lexicográfica centra-se nos *componentes* dos dicionários bilíngües, resultantes da confluência da função prioritária do dicionário com o tipo de usuário ao qual se destina.

O tipo de dicionário bilíngüe que avaliamos, além de constituir um tipo de obra lexicográfica, é também um tipo de texto e esta concepção supõe tratar os dicionários como estruturas textuais. Deste ponto de vista, pode-se analisar os dicionários pelo menos em três níveis estruturais, a saber: a superestrutura (ou hiperestrutura na terminologia de Hausmann e Wiegand, 1989), a macroestrutura e a microestrutura.

- A superestrutura compreende a organização geral da obra, levando em conta que apresenta unidades de duas línguas confrontadas e informações sobre as duas línguas; é descrita pela forma como se organiza e se classifica o conteúdo do dicionário em um número de categorias convencionais de natureza hierárquica. Para analisar a superestrutura dos dicionários bilíngües, pode-se considerar as três grandes divisões que conformam um dicionário deste tipo que são a parte inicial, o corpo do dicionário e a parte final.

- A macroestrutura do dicionário está formada pelo conjunto das entradas selecionadas para sua nomenclatura e inclui tanto a própria seleção das entradas como a sua forma de apresentação e a ordem em que aparecem. Em relação aos critérios de seleção, deve-se levar em conta que a nomenclatura de um dicionário resulta da aplicação de determinados critérios a partir dos quais se incluem ou se

excluem unidades do dicionário. Os critérios podem ser diversos: frequência de uso, importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário utilizado, critério de normatividade, critério de adequação à percepção social, etc.

- A microestrutura está formada pelo conjunto das informações organizadas nas entradas referentes aos lemas que constituem a nomenclatura. Pode incluir informação fonética e fonológica, gramatical e sintática, semântica e pragmática.

Os componentes estruturais dos dicionários bilíngües não são, de acordo com o exposto até o momento, independentes, senão que estão condicionados diretamente pelo menos por dois fatores: a função que cobre o dicionário e os usuários aos quais se destina. Da adequada relação entre os dois parâmetros, definem-se os componentes necessários para cada tipo de dicionário.

3. A avaliação dos dicionários bilíngües catalães

A lexicografia catalã dispõe de um número de obras bilíngües que permitem situá-la ao nível de outras lexicografias europeias⁴. Esta afirmação parece certa se levamos em conta a qualidade das obras lexicográficas mais representativas e o volume de dicionários editados, principalmente se consideramos o peso demográfico da zona de falantes do catalão.

Neste contexto, cabe destacar de maneira especial os dicionários bilíngües referentes ao par de línguas catalã e espanhola. De fato, segundo os dados que dispomos sobre os dicionários bilíngües editados na Catalunha, podemos confirmar que a combinação catalão-espanhol em dicionários bilíngües é a mais frequente no conjunto. Ao mesmo tempo, representa o segundo grupo em importância no panorama lexicográfico da língua catalã⁵. Observa-se, especialmente, uma concentração praticamente exclusiva da produção de dicionários bilíngües catalão-espanhol no período de 1966 a 1990.

De qualquer modo, a análise dos dados mostra que, embora a lexicografia bilíngüe catalã possa ser considerada quantitativamente rica, esta riqueza não corresponde nem a uma variação tipológica, nem lingüística. Em outras palavras, o catalão dispõe de muitas obras que trata o par de línguas catalã-espanhola (embora cresça cada vez mais o número de textos lexicográficos que combinam o catalão com outras línguas), mas há pouca variedade de tipos de dicionários.

Como afirmamos no início deste artigo, nesta última parte nos dispomos a mostrar o resultado da aplicação dos parâmetros de avaliação lexicográfica que descrevemos anteriormente. Avaliamos o panorama lexicográfico bilíngüe catalão-espanhol, espanhol-catalão e selecionamos as obras que satisfazem as cinco condições seguintes:

⁴ Assim (citação de Cabré, 1995), Germà Colón afirmava, em 1976, que a lexicografia catalã conseguiu um nível elevado de perfeição, referindo-se a diversas obras lexicográficas fundamentais.

⁵ O grupo mais frequente é constituído pelos dicionários terminológicos monolíngües ou bilíngües, mas não necessariamente nessas duas línguas.

1. *Obras lexicográficas denominadas dicionários.* Isto é, que sejam dicionários e não qualquer outro tipo de obra lexicográfica. Assim, limitamos o campo do trabalho às obras lexicográficas que recolhem palavras da língua de maneira geral. Isso significa dizer que excluimos explicitamente os vocabulários, léxicos e nomenclaturas, que se definiriam em conjunto com as obras lexicográficas e terminológicas que fazem uma seleção de palavras de uma língua a partir de algum critério preestabelecido (seja pela temática, seja pela raridade das formas ou pela categoria gramatical, entre outras).

2. *Dicionários bilíngües.* Dentro do tipo já determinado (dicionário), selecionamos os dicionários bilíngües, entendidos como dicionários que tratam lexicograficamente as palavras de duas línguas históricas e nos quais os lemas são substituídos por equivalentes da língua de chegada. A partir desta ótica, trataremos somente os dicionários bilíngües estritos. Esta limitação representa a opção explícita pela equivalência, o que exclui outros dicionários que possuem como centro outras informações e que, de forma complementar, dão informação sobre a equivalência (como os dicionários históricos, dialetais, de sinônimos ou de frases feitas).

3. *Dicionários bilíngües catalães (na combinação catalão e espanhol).* Restringimos o âmbito do trabalho ao tipo de dicionário bilíngüe que tenha o catalão e o espanhol como línguas tratadas lexicograficamente dentro do dicionário. Não limitamos, contudo, a posição da língua dentro da obra, ou seja, não consideramos relevante que o catalão seja a língua de partida ou a língua de chegada nem que o espanhol ocupe estas posições.

4. *Dicionários bilíngües catalães contemporâneos.* Somente selecionamos os dicionários bilíngües catalães contemporâneos e isso significa que centramos nosso tempo de estudo em cinquenta anos: de 1940 a 1996; o conjunto está representado por 36 dicionários.

O sistema de avaliação que propomos combina aspectos quantitativos e qualitativos. Em relação aos aspectos qualitativos da avaliação, nos centramos no eixo funções-usuários-tipos, representado através de três elementos: *a função para a qual está concebido o dicionário; o usuário preferente ao qual se destina o dicionário e o tipo de dicionário*, levando em conta que é necessário que a avaliação passe por uma primeira fase de descrição dos dados.

Quanto aos aspectos quantitativos da avaliação, aplicamos uma lista de critérios derivada parcialmente dos resultados da avaliação qualitativa.

A fase descritiva do processo de avaliação inclui as características de superestrutura, macroestrutura e microestrutura e estão agrupadas em quatro variáveis: o tipo de dicionário, a função, os usuários e as línguas em contato:

a) *O tipo de dicionário*, se é bifocal ou monofocal, ou seja, se trata lexicograficamente o catalão e o castelhano em duplo sentido (catalão-espanhol; espanhol-catalão) ou em um sentido único (catalão-espanhol ou espanhol-catalão).

b) *A função para a qual se prevê que seja útil*, que se limita à produção e à compreensão na L1 e na L2 dos usuários.

c) *Os usuários preferentes ao qual se destina*, distinguindo entre usuários superiores e usuários médios, normalmente com um nível de formação superior ou médio.

d) *As línguas em contato* que recolhem a combinação lingüística mais adequada, de acordo com a língua dos usuários.

A etapa avaliativa, segunda fase do processo de avaliação, é concebida como um instrumento que, além de garantir as condições de avaliação (confiabilidade, objetividade, utilidade e sistematicidade), deve levar em conta as três condições fundamentais de toda avaliação derivadas do princípio de objetividade: a equidade, a qualidade e a imparcialidade.

A partir destas três condições, avaliamos quantitativamente as obras lexicográficas bilíngües catalãs. Nossa avaliação centra-se na constatação da presença ou da ausência de uma série de itens nos dicionários, aos quais atribuímos um valor quantitativo. Distribui-se o total de 100 pontos atribuído a cada dicionário avaliado de modo proporcional, de acordo com a quantidade de dados medidos em cada bloco. Cada bloco estudado subdivide-se em grupos específicos, de forma que cada uma das obras analisadas recebe uma valoração numérica.

Após aplicar a valoração de qualificação às obras bilíngües do nosso corpus, obtivemos um conjunto de cinco categorias avaliativas: *excelente, bom, adequado, insuficiente e deficiente*. Cada categoria responde à soma dos valores numéricos atribuídos a cada situação. Como se depreende da primeira distribuição, o resultado é calculado sobre um máximo de 100 pontos e o critério de êxito da avaliação é calculado acima de 50%.

- *Excelente*: os dicionários assim qualificados respondem plenamente aos objetivos lexicográficos adequados a uma situação estabelecida. Nestes casos, as obras devem reunir uma pontuação global que ultrapasse 85 pontos. O corpus avaliado não possui nenhum dicionário com esta valoração.

- *Bom*: recebem esta qualificação as obras lexicográficas bilíngües que conseguem uma pontuação entre 70 e 84 pontos. Trata-se de obras qualitativamente significativas, embora não totalmente adequadas. As insuficiências que apresentam são atribuídas a fenômenos concretos, mas, apesar disso, são consideradas obras de qualidade; totalizam cinco obras e representam 14%.

- *Adequado*: são assim qualificados os dicionários que têm uma pontuação entre 50 e 69 pontos. Trata-se de obras com insuficiências relevantes, provavelmente difíceis de serem consultadas. Normalmente, os dicionários desse tipo apresentam apenas um lematário que não está expressamente destinado a um tipo de usuário; totalizam 15 obras e representam 41%.

- *Insuficiente*: recebem esta qualificação as obras que não atingem o mínimo considerado imprescindível em produtos deste tipo. A caracterização insuficiente dos usuários, a inexistência de correspondência entre a função que lhes pode ser atribuída e os componentes que contêm fazem com que a consulta do texto seja pouco útil, pouco ágil e confusa. Situam-se nesse grupo os dicionários que não atingem a valoração mínima, correspondente à qualificação entre 30 e 49 pontos. São 11 obras e representam 31%.

- *Deficiente*: os dicionários valorados como deficientes apresentam insuficiências consideráveis. Geralmente, trata-se de obras que se limitam a apresentar um índice bilíngüe sem qualquer outra informação microestrutural e que não possuem nenhuma informação sobre suas funções nem sobre seus destinatários. Estão pontuadas dessa forma as obras que obtêm entre 0 e 29 pontos, que são 5 e representam 14%.

Os resultados que obtivemos da avaliação das 36 obras bilíngües catalãs mostra, de imediato, que o panorama lexicográfico bilíngüe catalão supera a avaliação a que foi submetido.

Concretamente, observa-se que a pontuação global das obras oferece um panorama dominado pela qualificação *adequado*. De fato, a média de pontuação das diversas obras lexicográficas bilíngües catalãs é de 50.3 pontos. A frequência mais alta situa-se no limite da qualificação *adequado* com tendência baixa. A qualificação *insuficiente* é a seguinte em importância. Somente um percentual pequeno de obras situa-se no nível de qualificação *bom* e *deficiente* e não se dispõe de nenhuma obra qualificada como *excelente*.

Da análise dos resultados, derivam-se algumas tendências que podemos indicar da seguinte forma:

- Observa-se uma distribuição irregular da grande maioria de variáveis. Nestes casos, as tendências das variáveis agrupam-se em uma mesma direção, o que se pode valorar como uma regularidade no comportamento dos dicionários bilíngües analisados.

- Detectam-se variáveis realmente deficitárias em relação ao padrão de referência estabelecido. Comportam-se deste modo os itens da *função detalhada*, os *usuários perfilados*, os *usuários adaptados em suas necessidades*, o *índice*, a *presença de listas de signos fonéticos*, a *presença de informação fonética* e a *presença de informação pragmática*.

- De outro ponto de vista, é possível identificar variáveis privilegiadas na maioria dos dicionários analisados. Entrariam neste caso o *tipo de dicionário*, a *lista de abreviaturas*, a *inclusão, no título, da L1 e da L2*, os *textos preliminares*, os *dados metalingüísticos*, os *critérios de seleção de entradas*, a *informação semântica* e a *informação gramatical*.

Para concluir, gostaríamos de ressaltar o que anunciamos ao longo deste texto, ou seja, que o panorama lexicográfico bilíngüe catalão-espanhol, espanhol-

catalão é, de momento, tipologicamente pobre, mas quantitativamente muito rico. Sem negar em absoluto o valor que merecem as obras de que dispomos, o panorama atual está muito distante da situação que seria desejável: formada por um conjunto de dicionários bilíngües suficiente, orientados às funções lexicográficas de produção e compreensão possíveis, destinados ao tipo de usuários que os utilizam e adequados em relação à quantidade e à classe de informações de tipo estrutural. É necessário, portanto, trabalhar muito para que este panorama se converta em realidade.

Bibliografia

- BOGAARDS, P. (1990) "Deux langues, quatre dictionnaires". *Lexicographica*, 6/1990. Tübingen: Series Mayor.
- CABRÉ, M.T. i M. LORENTE (1991) *Els diccionaris catalans. De 1940 a 1988*. Barcelona: Lexis 1. Universitat de Barcelona.
- CABRÉ, M.T. (1992) "Sobre la lexicografia catalana contemporània". Xxè Congrés Internacional de Linguistique et Philologie Romanes. Tom IV: Zúric.
- CABRÉ, M.T. (1994) "Terminologie et dictionnaires". *META Journal des traducteurs*, vol. 39: Montréal.
- CABRÉ, M.T. i C. GELPÍ (1996) "La lexicographie catalane contemporaine: analyse et évaluation". Dins Béjoint. H. i P. Thoiron (1996) *Les dictionnaires bilingues*. Universités Francophones. Ed. Duculot: Louvain-la-Neuve.
- CABRERA, F. i J. ESPIN (1986) *Medición y evaluación educativa. Fundamentos teórico-prácticos*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- FUENTES, M.T. (1995) *Die Grammatik des Spanischen in zweisprachigen Wörterbüchern des Sprachenpaares Spanish-Deutsch für Deutschsprachige*. Tesi doctoral. Augsburg: Universitat d'Augsburg.
- GELPÍ, C. (1997) *Mesures d'avaluació lexicogràfica de diccionaris bilingües*. Tesi doctoral. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- HARTMANN, R.R.K. "Four perspectives on dictionary use: a critical review of research methods". Dins Cowie, A. ed. (1987) *Lexicographica. The Dictionary and the Language Learner. Papers from the EURALEX Seminar at the University of Leeds, 1-3 April 1985*. Tübingen: Max Niemeyer, Verlag.
- HAUSMANN, F.J. "Typologie der Zweisprachigen Spezialwörterbücher". Dins Hausmann, F.J., (1989-1991) *Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires*. Nova York: Walter de Gruyter.
- MARELLO, C. (1996) "Les différents types de dictionnaires bilingues". Dins Béjoint. H. i P. Thoiron (1996) *Les dictionnaires bilingues*. Universités Francophones. Ed. Duculot: Louvain-la-Neuve.
- REY, A. (1977) *Le lexique: images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Armand Collin.
- SCERBA, L.V. (1995) "Towards a General Theory of

- Lexicography" *International Journal of Lexicography*. Vol. 8, núm. 4. Oxford University Press. (Trad. Donna Farina)
- SRIVEN, M. (1991) *Evaluation Thesaurus*. Newbury Park, Londres: Sage Publications.
- WERNER, R. (1996) "Algunos elementos de una teoría del diccionario bilingüe". Conferències 1996-97. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra
- WERNER, R. (1996) *Algunas reflexiones sobre posibilidades de sistematizar la crítica de diccionarios. Aspectos que deben considerarse en una teoría de la crítica de diccionarios*. Document de treball. Màster en Lexicografia. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra.
- ZGUSTA, L. (1986) "Problems of the bilingual dictionary". *Lexicographica* 2/1986, Tübingen: Series Mayor.

Estratégias de ensino eficazes para alunos diversificados¹

Jacqueline Jordan Irvine²

Tradução: Laura Bocco³

Revisão: Maria da Graça Paiva⁴

Professores culturalmente receptivos...

1. Passam mais tempo, dentro e fora da sala de aula, desenvolvendo uma relação pessoal com diversos alunos em situação de risco social. Essas trocas nas construções de relacionamentos são eventos diários recorrentes e espontâneos. Esses professores compreendem que ensinar é uma interação social que envolve tanto o afeto quanto a cognição. O ensino eficaz e a pesquisa escolar proporcionam uma estrutura útil para a instrução desses alunos e, no entanto, esse corpo de pesquisa é particularmente deficiente ao examinar as variáveis não-cognitivas / interpessoais.

2. Ouvem seus alunos pacientemente, sem julgá-los, e permitem-lhes compartilhar histórias e anedotas pessoais durante o período de aula. Os alunos em geral expressam-se abertamente e com grande emotividade. Professores receptivos também compartilham histórias da sua vida pessoal. Esse tipo de comportamento é, com frequência, mal interpretado pelos educadores tradicionais, que o vêem como uma tarefa fora do período de aula, como atrasos e digressões desnecessários, ou como relações inadequadas entre alunos e professores.

3. Usam, com frequência, o dialeto ou a gíria das crianças que estão em situação de risco social como um veículo para estabelecer essa relação pessoal. Eles brincam e fazem piadas com seus alunos. Pedagogos tradicionais consideram o uso desta linguagem familiar inadequado.

4. Dão mais tempo para os alunos reagirem; eles questionam, relembram, elogiando e encorajando efusivamente. Consequentemente, a

¹ Material impresso gentilmente fornecido pela autora. Serviu de base para o minicurso por ela ministrado no Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ocasião do evento comemorativo dos dez anos do Núcleo de Apoio Pedagógico do Rio Grande do Sul (NAP-UFRGS/RS), ocorrido em maio de 1998.

² Dra. Jacqueline Jordan Irvine é *Candler Professor of Urban Education* na Divisão de Estudos da Educação da Universidade de Emory, Atlanta, Georgia, Estados Unidos. Na área educacional, dirige o projeto *Cultures (Center for Urban Learning/Teaching and Urban Research in Education and Schools)*.

³ Bacharel em Letras - Inglês/Português pelo Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Pesquisa do NAP/RS (PROPESQ).

⁴ Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

velocidade, o controle do tempo e a análise são diferentes, sendo vistos negativamente por alguns coordenadores guiados pelas "medidas".

5. Utilizam técnicas interativas em abundância, tais como a aceitação das idéias dos alunos, comentários ou retorno frequente sobre seus trabalhos, demonstrações, explicações, perguntas, reformulações, revisões, exercícios, recitações, monitoramento, individualização, resumos e reforço. O ritmo é rápido e as atividades, variadas. Os professores movem-se pela sala de aula e utilizam o corpo, a voz e os gestos faciais como instrumentos de ensino.

6. Planejam atividades didáticas ativas, utilizando uma variedade de materiais e permitindo o movimento dos alunos, suas escolhas, conversas, assim como uma aprendizagem cooperativa, monitorada por colegas. Os professores que utilizam tais estratégias dizem que os orientadores tradicionais as criticam, alegando que essas aulas não têm estrutura, direção nem organização, que são muito barulhentas, geram desordem excessiva e são inadequadas para alunos mais lentos e desmotivados.

7. Controlam e disciplinam seus alunos através de poder e autoridade pessoais, além da alusão aos pais e avós dos alunos, conhecidos pessoalmente pelos professores. Este comportamento pode ser mal entendido por algumas pessoas, que o consideram severo e insensível, e a estratégia, desumanizante e sarcástica, mas algumas pesquisas indicam que essas percepções e definições de autoridade são específicas da cultura.

Kochman (1981), em sua obra *Black and White Styles in Conflict*, argumenta que alunos afro-americanos e europeus-americanos se diferenciam de forma significativa em relação àquilo que estabelece a autoridade de uma idéia. Ele percebeu, nas disciplinas que ele ensinava na faculdade, que os alunos europeus-americanos tinham a tendência de considerar que uma idéia era válida se tinha sido publicada. Esses alunos pensavam que seu papel era apresentar a idéia e referir-se às suas fontes de credibilidade. Acreditavam, segundo Kochman, que uma declaração era válida segundo quem a tinha feito e onde havia sido publicada. Por outro lado, ele observou alunos afro-americanos debatendo a validade da idéia desde uma perspectiva pessoal. Kochman afirmou que os alunos afro-americanos sentiam que a verdade não podia ser verificada sem debate e desafio. Em outras palavras, que o conceito de autoridade não tinha nenhum significado no abstrato. Para eles, a autoridade toma significado quando uma idéia ou uma figura de autoridade conquista suficientemente a honra depois de resistir à oposição e à disputa. A autoridade não opera fora de um contexto de comportamentos demonstrados que lhe dêem suporte; a autoridade é vista como tal apenas quando age de acordo.

O trabalho de Delpit (1988) confirma as afirmações de Kochman. Sua pesquisa qualitativa conclui que as crianças afro-americanas reagem melhor a professores que trabalham autoritariamente. Ela declara que essas crianças esperam que a figura de autoridade aja, de fato, com autoridade, e quando isso não ocorre, como no caso de professores que tentam ser "camaradas", as crianças afro-

americanas de baixa renda ficam geralmente confusas em relação a como deveriam reagir.

Delpit ressaltou que a comunidade afro-americana espera que os professores controlem sua sala de aula através da demonstração de poder pessoal, para ganhar e manter respeito nas suas relações interpessoais com os alunos, para estabelecer uma expectativa elevada em relação a eles e para pressioná-los a atingir essas metas. Foster (1989), como exemplo, descobriu em seu trabalho que os alunos estavam "orgulhosos da maldade da sua professora" e pensavam que ela os pressionava para que eles atingissem aquilo que fora proposto, limitava o número de interrupções e conduzia a aula através de atitudes que contribuía para o bom desempenho dos alunos. Consequentemente, os professores que estão em sintonia, culturalmente, com as expectativas da comunidade afro-americana podem interagir com seus alunos através de maneiras que não são compreendidas pelo observador ingênuo.

8. Aproveitam o "momento ensinável". Esses professores ouvem as vozes de seus alunos utilizando suas preocupações atuais e até mesmo eventos catastróficos como oportunidades de ensino. Os orientadores que dão ênfase a uma cobertura sequencial dos textos e a um ensino que tenha em vista a avaliação padronizada não toleram este comportamento por parte dos professores.

9. Têm um estilo diferente de apresentação do ensino - dados de pesquisa sugerem que professores eficazes de alunos afro-americanos, por exemplo, utilizam um "estilo composto de linguagem rítmica, entonação rápida e muitos gestos encorajadores" (Foster, 1989, p. 5). Há muitos casos de repetição, pergunta e resposta, variações no ritmo, alto envolvimento emocional, analogias criativas, linguagem figurada, prolongamento vocálico, frases cativantes, gestos, movimento corporal, simbolismos, aforismos, discussões animadas com os alunos participando com frequência e espontaneamente. O resultado, segundo essa pesquisadora, é "aprender como um evento social, não como um esforço individual.". Foster, ao citar Piestrup (1972), chama isto de *Black Artful Style* (Estilo Negro Hável), que faz lembrar o admirado estilo de pregações afro-americanas.

10. Utilizam o discurso e os acontecimentos da cultura familiar. Acredito que a essência do ensino está em utilizar as experiências cotidianas dos alunos em uma tentativa de fazer ligações entre novos conceitos e conhecimento anterior. É encontrar exemplos pertinentes, comparando e contrastando, atravessando a lacuna entre o conhecido (o conhecimento cultural pessoal dos alunos) e o desconhecido (materiais e conceitos a serem dominados).

As estratégias de ensino diversificadas para alunos diversificados, segundo Marietta Saravia-Shore e Eugene Garcia, são:

1. MANTENHA PADRÕES E EXPECTATIVAS ELEVADOS. Os professores mantêm padrões elevados e demonstram expectativas elevadas de

realização para todos os alunos étnica, cultural e lingüisticamente diferenciados; isto inclui oferecer trabalhos avançados e desafiadores.

2. INCORPORA A CULTURA FAMILIAR. Os professores aprendem sobre a cultura da comunidade-família dos alunos para melhor compreender o comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula.

3. ENCORAJE A PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS PAIS OU TUTORES. Os professores informam aos pais da importância de conversar com seus filhos, de dedicar tempo para lerem juntos (na sua língua familiar), de compartilhar, oralmente, histórias e contos tradicionais e de classificar objetos e eventos ao redor de casa.

4. APROVEITE AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS. Os professores reconhecem que a aprendizagem é fortemente influenciada pela experiência cultural dos alunos. Apesar de estes se diferenciarem no seu conhecimento de língua oral e escrita, pesquisas mostram que todas as crianças vêm à escola com um mundo de experiências que o professor pode aproveitar durante o processo de aprendizagem.

5. USE MATERIAIS CULTURALMENTE RELEVANTES DO CURRÍCULO. Os professores utilizam um currículo e materiais didáticos culturalmente relevantes que reconhecem, incorporam e refletem com precisão a herança racial dos alunos e as contribuições dos vários grupos étnicos.

6. IDENTIFIQUE E DISSIPE ESTEREÓTIPOS. Os professores utilizam recursos didáticos e de linguagem que não sejam sexistas, racistas nem etnocêntricos; se aparecem estereótipos na leitura de textos, o professor os aponta aos alunos.

7. CRIE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM CULTURALMENTE COMPATÍVEIS. Os professores reconhecem a influência dos estilos de aprendizagem, da cultura e da língua materna dos alunos na maneira como eles aprendem e utilizam a linguagem.

8. UTILIZE A APRENDIZAGEM COOPERATIVA. Os professores utilizam abordagens baseadas na aprendizagem cooperativa que aumentam a probabilidade de amizades inter-étnicas, assim como atitudes e comportamentos melhorados com relação a colegas de bagagens culturais diferentes. Métodos que incluem metas grupais e justificativas individuais são os mais eficazes.

9. APROVEITE A CULTURA, A LÍNGUA E A EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS. Os professores constroem aulas que sejam consistentes com a cultura da comunidade-família e com a língua dos alunos para tirar proveito das suas experiências cognitivas e para oferecer-lhes oportunidades de desenvolver comportamentos que conduzam ao sucesso na aprendizagem.

10. CRIE SALAS DE AULA VERDADEIRAMENTE BILÍNGÜES. Os professores alfabetizam e proporcionam informações sobre o conteúdo para os alunos na sua língua nativa, enquanto estes estão aprendendo a língua padrão.

11. INCORPORA ESTRATÉGIAS PARA DUAS LÍNGUAS. Os professores incorporam estratégias duais em termos de línguas na sala de aula.

12. UTILIZE ABORDAGENS INTEGRADAS E HOLÍSTICAS. Os professores utilizam abordagens integradas e holísticas para experiências com a linguagem para alunos de segunda língua, em vez de exercícios e práticas habituais e mecânicos. Os alunos praticam o inglês de forma oral e escrita através de atividades que não sejam ameaçadoras, que tenham um propósito real e que sejam prazerosas.

13. UTILIZE CONTEÚDOS TEMÁTICOS PARA ENSINAR LÍNGUAS. Os professores utilizam conteúdos temáticos para ensinar inglês a alunos com proficiência limitada em inglês, mais do que exercícios que desenvolvam habilidades lingüísticas específicas.

14. UTILIZE ESTRATÉGIAS DE INGLÊS EM UM AMBIENTE NÃO COMPETITIVO. Em escolas multilíngües que são diversas demais, lingüisticamente, para formar aulas bilíngües, os professores adiantam a aprendizagem de inglês aos alunos que são proficientes em outras línguas, ensinando-lhes inglês, contextualizado, como segunda língua e utilizando estratégias de inglês que não gerem competição.

15. PRATIQUE O INGLÊS ATRAVÉS DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS EM GRUPOS COOPERATIVOS. Os professores organizam as salas de aula em grupos de aprendizagem que sejam flexíveis, heterogêneos e cooperativos, compostos por falantes nativos e não-nativos de inglês, com o objetivo de dar oportunidades tanto aos alunos de minoria lingüística quanto àqueles com proficiência limitada em inglês para treinarem o idioma em situações de resolução de problemas.

16. UTILIZE O SUPERVISIONAMENTO ENTRE COLEGAS, ASSIM COMO ENTRE AQUELES DE DIFERENTES IDADES. Em programas bilíngües, os professores utilizam o supervisionamento dos colegas, inclusive entre idades diferentes, para inserir tanto os alunos falantes de inglês quanto os de proficiência limitada em diálogos que levem ao melhoramento da alfabetização e da aquisição da linguagem.

17. RESPEITE AS NORMAS DA LÍNGUA DA COMUNIDADE. Os professores demonstram respeito pela língua de cada aluno e não impedem que os alunos bilíngües alternem entre o inglês e suas línguas maternas (mudança de código) enquanto trabalham juntas.

18. UTILIZE ENSINO TEMÁTICO E INTERDISCIPLINÁRIO. Os professores integram a aprendizagem de conteúdos temáticos e a aprendizagem de uma segunda língua proporcionando oportunidades de aprendizagem relacionadas a um determinado tema.

19. UTILIZE COMPUTADORES E COLEGAS SUPERVISIONANDO PARA REFORÇAR A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA. Os professores providenciam o uso do computador na aprendizagem de inglês como segunda língua.

O tradutor em Cuba¹

Iván Otero Diez²

Tradução: Vera Lúcia do Amaral Conrado³

Para falar do Tradutor em Cuba, convém precisar os enfoques dados ao tema, além de abordar as visões de diferentes especialistas.

Penso, como Rodríguez Castillo (1992), que "*a história escrita da profissão de tradutor começa com a conquista*", ainda que outros autores prefiram situá-la em 1795, quando a Sociedade Patriótica - atual Sociedade Econômica de Amigos do País - analisou duas Memórias, consideradas transcendentais: uma sobre o idioma nacional e a outra sobre o *Diccionario provincial* de Cuba.

Outro fato histórico fundamental produziu-se com a Ordem Real de 16 de junho de 1839 que criou a figura do Intérprete Público e dispôs seu Regulamento na colônia cubana, segundo o colega Josep Peñarroja Fa⁴ (1996); mas, no século XX, já se usaram novas figuras na classificação oficial de cargos.

A Revolução de 1959 ampliou as relações de Cuba com o resto do mundo. Graças à Alfabetização e demais medidas tomadas pelo Governo, puderam-se formar muitos especialistas na antiga União Soviética, a ex-Europa Socialista, na China, Vietnã, Coréia Democrática, Países Árabes, etc. (Otero Diez, 1998).

O antigo Ministério de Indústrias, sob a direção do Comandante Ernesto "Che" Guevara, encarregou-se de formar, no exterior, dezenas de tradutores e intérpretes em diferentes idiomas que eram muito necessários na década de sessenta para impulsionar a industrialização que se havia iniciado na ilha (Otero Diez, 1998).

Nos anos 70 começou a formação superior dos tradutores na Universidade de La Habana, com o que se elevou seu nível.

Seria oportuno, para ressaltar o papel da tradição, mencionar os nomes de homens que exerceram sua influência na profissão de tradutor em Cuba, tais como **Félix Varela** - eclesiástico, professor e tradutor -, **Felipe Poey** - naturalista, advogado, tradutor e terminólogo -, **Armando Mestre** - médico, cientista, tradutor e terminólogo -, **Esteban Pichardo** - comerciante e editor do *Diccionario de voces provinciales de Cuba* -, **Nestor Ponce de León** - publicitário, tradutor e editor do *Diccionario tecnológico inglés-español y viceversa* -, **José Martí** - escritor, poeta,

¹ O texto, escrito em maio de 1998, é inédito e está sendo publicado por especial permissão do autor.

² Historiador da Tradução para a Federação Internacional de Tradutores. Tradutor do *Centro de Traducción y Terminología* - CTTE, do *Instituto de Información Científica y Tecnológica* - IDICT, em Cuba.

³ Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Presidente da Associação de Intérpretes Juramentados de Catalunha, Espanha.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 6, p. 42-46, abr-jun, 1999.

professor, orador, jornalista, advogado e tradutor -, **Juan M. Dihigo** - professor, lingüista e tradutor -, **Nicolás Guillén** - jornalista, poeta e tradutor - e **Ernesto "Che" Guevara** - jornalista, médico, estadista e tradutor -, para citar somente alguns (Otero Diez, 1998).

A jornalista Teresa Albuérne (1997) afirmou:

"esta internacionalização da economia traz, em seu bojo, a globalização da comunicação e seus suportes: a imagem e a palavra. Daí a importância cada vez maior das línguas". Sobre o tradutor assinalou: "os tradutores são depositários da cultura e identidade de nossos povos, e são parte - ainda que, às vezes, não se reconheça assim - daquelas e do intelecto de nossos países."

Luis A. González Moreno, chefe do Departamento de Traduções (CTTE/IDICT), escreveu em 1996:

"É já na época da república, no ano de 1956, que se cria a Associação de Tradutores de Cuba, em cujo seio agruparam-se, pela primeira vez, os tradutores e intérpretes de nosso país. Em seguida, em 1959, e paralelamente à Associação de Tradutores de Cuba, surgiu a Associação de Tradutores Profissionais. Ambas as associações deixaram de existir nos anos 1960 e 1961 respectivamente /.../."⁵

Para completar a imagem das Associações, devo assinalar que, em 1988, apareceu a Comissão de Tradução da Sociedade Cubana de Informação Científica e Técnica (SOCICT). Em abril de 1993, durante a EXPOLINGUA HABANA, criaram-se dois órgãos: O Comitê Coordenador para a Promoção e o Desenvolvimento da Indústria das Línguas (CUBALINGUA) e o Comitê de Coordenação para a Terminologia e a Lingüística Computacional, renomeado, mais tarde, Comitê de Coordenação para a Terminologia e a Engenharia do Conhecimento (CUBATERM), nos quais os tradutores desempenham um papel protagônico⁶.

Posteriormente, em 14 de maio de 1994, realizou-se o Congresso Constituinte da Associação Cubana de Tradutores e Intérpretes (ACTI), que programou seu primeiro Congresso para 12 de maio de 1999, a fim de aprofundar e ampliar suas atividades.

⁵ Acerca de la profesión de la traducción en Cuba. CTTE, La Habana, 1996.

⁶ O Classificador de Cargos vigente (oficialmente discrimina os cargos que existem no país) possui separadamente o cargo de intérprete, o de tradutor e o de professor de idioma estrangeiro. Existem cargos próprios, como o de revisor (de traduções), coordenador (em conferências e reuniões) e outros, que se usam só em centros de trabalho oficialmente autorizados para isso. O cargo de tradutor de documentos e o de professor de idioma estão entre os cargos reconhecidos oficialmente para o trabalho por conta própria. Ver estes e outros detalhes sobre as Associações em OTERO CEPERO, Ivón e OTERO DIEZ, Iván. Panorama de la traducción en los años 90. CTTE, La Habana, 1997.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.º 6, p. 42-46, abr-jun, 1999.

Também se sobressai o Comitê Técnico nº 14 para a Normalização da Terminologia (homólogo do Comitê nº 37 da Associação Internacional de Normalização - ISO), cujo presidente e secretário são tradutores e cuja sede inicial esteve no CTTE/IDICT.

Sobre o ensino das línguas deve-se registrar o exposto na Mesa Redonda do CTTE⁷:

"Um tradutor encontra-se em melhor situação que um professor de dominar e de ser bom tradutor de dois idiomas. Por quê? O professor deve desenvolver as quatro habilidades do idioma, deve ter uma formação muito sólida nestas quatro habilidades porque tem que ensiná-las, mas o tradutor pode desenvolver duas habilidades que sejam sólidas em três idiomas (ex: tradutor de mesa). No caso do tradutor simultâneo é diferente. Ao envolver-nos na tradutologia, vemos qual tipo de tradutor seremos (para a língua estrangeira ou da língua estrangeira), todos nós conhecemos tradutores muito bons que traduzem de dois a três idiomas para a língua materna, entretanto, temos que ver como é que vertem para a língua estrangeira."

"Ou seja, tudo isso é muito complexo e considero que vale a pena que uma comissão ampliada estude estas questões. Por isso, dirigimo-nos ao Ministro da Educação, pondo à disposição do Ministério o Grupo de Especialistas de Língua Francesa (GELFRA), para ajudar a encontrar vias para definir a Política Lingüística. Tivemos essa iniciativa, não prevendo apenas o francês, mas outros idiomas, ampliando nossos horizontes e enriquecendo-nos culturalmente, porque o unilingüismo a que estamos submetidos e estamos submetendo nossos jovens é nefasto. É importante que se considere o ensino de metodologias das línguas de especialidade, as que chamamos idiomas com fins específicos, porque são cada vez mais importantes no mundo de hoje."⁸

"Nossa Universidade de La Habana há um quarto de século, desde 1972, tem formado tradutores especializados fundamentalmente em quatro línguas e, agora, em cinco. A formação se realiza em inglês, francês, alemão, russo e italiano, e está regida pelo plano de estudos C, que está vigente na Faculdade da mesma forma que os planos de estudos da Educação Superior Cubana e, atualmente, encontra-se em aperfeiçoamento⁹."

"Falemos agora da formação. Vou dividi-la em duas partes: básica e profissional."

"Qual é a formação básica? É a que se denomina competência lingüística, ou seja, no caso específico dos tradutores o domínio

adequado de, pelo menos, duas línguas estrangeiras e a própria. O que se disse aqui com relação à necessidade de que os tradutores trabalhem com duas línguas estrangeiras é totalmente válido."

"Ao lado da competência lingüística tem-se a competência cultural, ou seja, um bom tradutor precisa conhecer a história, a literatura e cultura, tanto universal como específica dessas línguas estrangeiras em que ele se especializa e, logicamente, de sua língua materna."

"Referindo-me à formação profissional, em primeiro lugar, o que é que deve ter um profissional? Um método para traduzir (um médico tem seu método, assim como o químico tem o seu)."

"Junto com o método busca-se transmitir ao estudante princípios da ética profissional do tradutor. Com a aquisição do método ele deve adquirir um embasamento teórico específico que está na tradutologia."

"Desta forma, o futuro tradutor deve adquirir conhecimentos terminológicos e desenvolver habilidades no manejo do léxico especializado ou tecnológico."

"Penso que falar de formação profissional de tradutores neste momento no mundo e em Cuba é um tema muito importante ao qual se soma o tema dos mestrados. Forma-se o professor, o tradutor, mas se deve dar a oportunidade para que ele continue sua especialização profissional. Nossa faculdade pôs em funcionamento o mestrado como quarto nível de formação"¹⁰.

Com estas reflexões pretendeu-se oferecer um panorama bem ilustrativo da tradição que têm os tradutores cubanos e da fama que acumulam, graças a isso. Entretanto, continuemos indagando: qual deverá ser o seu futuro?

Eis aqui algumas das perguntas que poderiam ser feitas: que possibilidades têm os tradutores cubanos de enfrentar os desafios e competir dentro da sociedade global? O que acontecerá com os que não empreguem a informática em seu trabalho?¹¹ Os tradutores têm a formação exigida para enfrentar os desafios futuros? O que se precisa para a prática pública e privada nesta profissão?

Calculo que, de certa forma, as respostas a estas dúvidas poderiam ser as seguintes:

Para vencer esses desafios deve-se estreitar a cooperação entre especialistas e os centros que tenham tradutores, assim como continuar elevando o nível da profissão.

A formação continuada é a chave para acelerar o desenvolvimento dos tradutores profissionais, que devem usar a informática, a terminologia e suas ferramentas. Eles deverão traduzir ou interpretar de dois ou mais idiomas estrangeiros e converter-se, no menor espaço possível de tempo, em um profissional das línguas, o que equivale a dizer: em um comunicador integral.

⁷ "O profissional das línguas no início e final de século", coordenada pelo CTTE para a revista *Bohemia* em março de 1997 no IDICT.

⁸ Licenciado Felino Martínez, painellista da Escola de Altos Estudos de Hotelaria e Turismo (EAEHT).

⁹ Em 1998, o Professor Barreiro (vide nota 10) já havia anunciado que a partir do ano letivo 98-99 aplicar-se-ia um novo programa, que estabelece obrigatoriamente duas línguas estrangeiras e uma terceira opcional, com seis anos de estudo, pois o primeiro está dedicado somente ao ensino de idiomas estrangeiros. Espera-se que esse passo melhore a qualidade dos futuros formandos. N.A.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.6, p. 42-46, abr-jun, 1999.

¹⁰ Manuel Barreiro, painellista da Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de La Habana (FLEX-UH).

¹¹ Deve-se considerar que a restrição econômica por que passa Cuba limita a aquisição de tecnologia. N.T.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.6, p. 42-46, abr-jun, 1999.

Quem não utilize adequadamente a informática perderá competitividade e, mais, as amplas possibilidades de emprego que ela oferece.

A formação atual do tradutor apresenta insuficiências para enfrentar a modificação compulsória. Por isso, é preciso melhorar o ensino destas especialidades.

Para a prática pública e privada é preciso elaborar uma política nacional de planificação lingüística a nível local, nacional e internacional que permita usar mais eficazmente as potencialidades existentes, já que a ilha ainda possui um bom número de tradutores em idiomas tão variados, como o inglês, francês, alemão, russo e outros, mas essa situação pode tornar-se negativa se sua aplicação continuar sendo postergada.

Os tradutores cubanos sempre contribuíram com seu trabalho para o enriquecimento e a expansão do idioma espanhol, assim como da cultura cubana (esse conceito de cultura inclui a ciência, logicamente). Entretanto, seu trabalho poderia ser mais estimulado no final do presente século e alcançar quotas superiores no próximo se, durante o Congresso da ACTI, em 1999, lhe for dado o apoio exigido pelo desenvolvimento mundial.

Bibliografia:¹²

- ALBUERNE, Teresa. Nuevo asalto al cielo. *Bohemia*. La Habana, 26 set. 1997.
 OTERO DIEZ, Iván. Los profesionales y las especialidades lingüísticas en el período de 1998-2002. CTTE, La Habana, jan. 1998.
 PEÑARROJA FA, Josep. *Intérpretes jurados. Documentos para su historia (II)*. Barcelona, 1996.
 RODRÍGUEZ CASTILLO, Lourdes Arencibia. Apuntes para una historia de la traducción en Cuba. *Livius*, León. 1992.

¹² As citações foram feitas conforme o autor. Não foi possível completar suas referências. N.T.

O girassol¹

Meiko Shimon²

Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva³

Desde criança, o girassol é uma das flores que eu mais gosto. Lembro que da semente plantada no jardim logo surgia uma plantinha. Essa crescia rapidamente, ganhava altura, ia ficando mais alta que uma pessoa adulta, e, sem demora, abria uma flor dourada, maior que o meu rosto. *Himawari* (literalmente "sol + girar" em japonês) é assim chamado porque se acreditava que o girassol mudava de direção, perseguindo o sol. Na realidade, a flor floresce virada para o sol nascente e, de fato, seria impossível para o caule da planta, mesmo robusto, alterar sua posição ao longo do dia. De qualquer maneira, eu olhava para aquela flor enorme com admiração e respeito.

Na região onde morei, quando vim para o Brasil, não encontrei nenhum girassol. Depois, quando passei a viver em Porto Alegre, de vez em quando avistava alguns nos jardins das casas, mas as flores eram pequenas e completamente diferentes da flor de girassol que eu trazia na memória.

É certo que as lembranças dos tempos de infância permanecem bastante nítidas em nossa memória, mas é verdade também que as coisas observadas através dos olhos de uma criança podem trazer, algumas vezes, inesperadas distorções ou falhas de memória. Quando já adultos, e tendo a oportunidade de revivenciar fatos semelhantes aos dos tempos de meninice, podemos ficar surpresos ou, até mesmo, decepcionados: "Ah, era só isso!".

A batata doce assada que era tão gostosa e nos deixava com água na boca, agora, décadas depois, quando a comemos novamente, percebemos que nem chega a ser gostosa. Ou seria, então, a batata que perdeu o sabor? O portal do templo xintoísta, com seus degraus que pareciam atingir o céu, nada tem de especial, é apenas um templo comum como tantos outros, com uma escadaria que dificilmente impressionaria os olhos de um adulto.

Por isso, comecei a perder a fé em relação a "minha flor de girassol", e a suspeitar que talvez ela não tivesse sido tão grande assim.

No entanto, ao assistir ao filme "Os Girassóis da Rússia", e vendo os grandes girassóis russos, com suas flores tão belas, e até mesmo maiores que o rosto da estrela Sofia Loren, compreendi que não tinha sido um engano da minha

1 Texto original intitulado *Himawari*, publicado em *Taiga*, n.º 8, dez. 1994, p.24-26. Agradecemos à autora a sua cessão.

2 Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Bacharel em Letras - Japonês/Português pelo Instituto de Letras da UFRGS, onde, atualmente, é professora substituta.

memória. Contudo, uma nova dúvida surgiu: seriam russos os girassóis que floresciam no jardim da minha casa?

Há alguns anos, em uma certa manhã, como de costume, dirigia pela Ipiranga, em direção ao trabalho, quando inesperadamente meus olhos foram invadidos por uma enorme flor de girassol. Naquele arroio sujo, por acaso, brotou uma semente que alguém jogou fora. O girassol nutria-se do esgoto, e, no meio do matagal que beira o riacho, despontava com seu caule forte e longo de onde florescia uma magnífica flor amarelo-ouro brilhante. A imagem daquela flor indômita, tão cheia de nobreza, trouxe-me a lembrança de Sofia Loren.

Nas manhãs dos dois dias seguintes, quando ia prazerosamente para o trabalho, ficava imaginando que tipo de sentimento experimentavam, em meio ao turbilhão desta vida apressada, as pessoas dentro dos carros que vão e vêm pela Ipiranga ao verem aquele girassol.

Na manhã do terceiro dia, a brilhante flor dourada tinha sumido: Em seu lugar, restara somente o caule grosso e forte. A "cabeça" tinha sido cruelmente decepada.

As pessoas, quando entram em contato com algo belo, reagem de diferentes maneiras: umas apenas admiram com os olhos, outras sentem a necessidade de tocar com as mãos. Em ambos os casos, penso que o desejo de preservar o que é belo não seria diferente. Infelizmente, há pessoas que não sossegam enquanto não tomam exclusivamente para si o que seja de seu agrado. Há indivíduos insensíveis que, apenas para seu bel-prazer, tiram a vida efêmera de uma flor ou de um animal.

Penso que se pode afirmar que o mesmo acontece em relação a um idioma.

Atualmente, fala-se muito da desordem das línguas, e nessa mudança desordenada podemos incluir também o idioma japonês. Pessoalmente, vejo a língua como um ser vivo, sujeito a mudanças, como o tempo, e, por isso, ela tanto revive quanto morre, e sua continuidade depende de nossos esforços.

Acredita-se que um indivíduo carrega, em seu subconsciente, o conhecimento adquirido inconscientemente, ainda na tenra idade, o qual se transforma em valores importantes para a formação de sua personalidade. Certamente, a língua, os costumes e as tradições japoneses, apreendidos inconscientemente desde a infância, passarão a ser valores significativos para os descendentes japoneses, quando se tornarem cidadãos brasileiros adultos, participantes ativos da sociedade.

Por fim, considero uma missão para todos nós, professores de japonês, o ensino e a transmissão de nossa bela e autêntica língua materna.

Como era gostoso o meu...brasileiro!!¹

Lea Mara Valezi Staut²

- Ai! Que preguiça!... Macunaíma, o herói de nossa gente e sem nenhum caráter, que afirmou: *não! Não vou na Europa não. Sou Americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter*, está em terras de Rabelais e de Du Bellay, falando francês. Mas não só! Está também na Itália, na Espanha, na Alemanha, na Hungria, na Polônia, na Dinamarca...

Não é a primeira vez que o público leitor francês tem a oportunidade de conhecer a *rapsódia* ou *poema-herói-cômico*, como o criador designa sua criatura. Já em 1979, a Flammarion publicava, na coleção "Barroco", a tradução francesa de Jacques Thiériot, prefaciada por Haroldo de Campos. Agora, o mesmo tradutor retoma seu trabalho, revê e corrige sua tradução, enriquecendo-a com um glossário para esta edição crítica que, ao lado de criações de Arguedas, Guiraldes e Rulfo, integra o importante programa da coleção "Archivos", da Associação Archivos da Literatura Latino-Americana, Africana e das Caraíbas do século XX, uma espécie de ONG da UNESCO.

Em virtude do acesso a obras esclarecedoras (correspondências e obras inéditas de Mário de Andrade, ao lado de novos estudos críticos sobre sua obra), Thiériot viu-se impelido a empreender essa nova etapa, work in progress, como é o caso de todas as traduções de obras-primas (p.21, "Note du traducteur"), sobretudo a partir da edição crítica de *Macunaíma*, estabelecida por Telê Ancona Lopez (2.ed., São Paulo/Rio de Janeiro: ALLCA XX/ UNESCO, 1996), a qual permitiu-lhe afinar a pontuação e ajustar o sentido de certas palavras ou expressões.

Assim, desejoso de *rever, embelezar, até mesmo melhorar* (sua) primeira versão (p.19), o tradutor revela-se preocupado com a *língua brasileira* instaurada por Mário de Andrade, o que o leva a tentar restituir a miscelânea rítmica da rapsódia e da prosódia do conto popular através da utilização de palavras de origem tupi e antilhana, gírias e expressões rabelaisianas. A flora e a fauna, tão caras ao autor e exaustivamente nomeadas e enumeradas por ele para revelar as

¹ Resenha originalmente preparada para a Revista de Letras da UNESP, n.37/38, atualmente no prelo. Publicação cedida para o *Cadernos de Tradução* pela autora, que responde pela organização daquela revista. O texto resenhado foi ANDRADE, M. *Macunaíma*. Édition critique coordonnée par Pierre Rivas. Traduction de Jacques Thiériot. Paris: Stock / UNESCO / CNRS / AALLCA XX, 1996. 346p.

² Doutora em Língua e Literatura Francesa pela USP. Faz parte do GT-Tradução da ANPOLL. Tradutora e crítica de traduções desde 1984, leciona no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis /SP- Universidade Estadual Paulista (UNESP).

riquezas naturais e lexicais do Brasil, assim como todo o inventário civilizacional e cultural (pedras, numerário, deuses, demônios e monstros), só tiveram seus vocábulos traduzidos quando da existência de equivalentes em língua francesa. Os nomes de origem indígena ou africana foram transcritos de acordo com sua pronúncia (*boioua, boumba-meu-boi, candirou, Ceïouci, Courroupira, Échou, macoumba, mouïraquita, Toupan, Zoumbi*, etc.) e são seguidos de um asterisco no corpo do texto que os remete a um cuidadoso e pormenorizado "Glossaire sélectif" às p.227-235, seguido da bibliografia consultada para sua execução. O Glossário contempla também personalidades históricas mencionadas no texto (Anchieta, Rui Barbosa, João Ramalho, dentre outros).

Ocupando o cerne da publicação, o texto traduzido por Thiériot (p.23-225) lança um desafio ao leitor francês, certamente maior do que o lançado pelo original aos leitores brasileiros que dispõem de um "roteiro" escrito (cf. Cavalcanti Proença) e um "roteiro" interno, existencial e cultural, para sua leitura. Assim, *Macounaïma* vem acompanhado de um importante aparato crítico que orienta o leitor francês nas sendas da literatura brasileira e de nossa identidade literária, de nosso movimento modernista e de seu princípio antropofágico, de Mário de Andrade, de sua obra e, em especial, da rapsódia do *héros de chez nous*.

Na introdução ("Modernisme et primitivisme dans *Macounaïma*" - p.9-15) Pierre Rivas, coordenador da edição crítica e especialista em relações culturais luso-franco-brasileiras e vanguardas literárias, situa autor e obra no contexto literário brasileiro e sul-americano. Fornecendo ao leitor de língua francesa informações e fontes de referência que possibilitam o aprofundamento das questões levantadas pelo movimento modernista brasileiro, suas origens e desdobramentos, Rivas aponta para a essência da obra apresentada, síntese das forças de expressão nacional que conduzem à criação de um herói emblemático, a uma consciência literária brasileira, à construção de uma língua sem referencialidade geográfica ou social, arlequinal como a diversidade étnica do país, e de uma cultura brasileira que retoma os modelos canônicos europeus para devorá-los, nacionalizando-os e enriquecendo-se com suas virtudes.

O "Dossier", que ocupa o terço final do livro (p.239-343), é ilustrativo da preocupação com o público visado, apresentando textos críticos que retraçam a cronologia do autor e a gênese da obra, esmiuçam sua estrutura, analisam seu significado e sua recepção na França.

Telê Ancona Lopez é responsável pelo primeiro texto, "*Macounaïma* et Mário de Andrade" (p.239-262) que, com base na crítica genética, nos vários estudos brasileiros e franceses sobre o autor e em sua vasta experiência crítica, percorre os caminhos da criação da obra. Assim, o leitor é informado das notas encontradas às margens do segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco-Mythen und legenden der Taulipang und Arekuná Indianern*, coletânea de lendas de autoria de Koch-Grünberg, que confirmam uma primeira dimensão do trabalho de Mário de Andrade: a apropriação ou a transcrição. Esse ponto de partida e eixo da narrativa é confirmado largamente na correspondência do autor, em seus

depoimentos e nas folhas de blocos de notas nas quais registrava suas idéias, as que subsistem, pois ele tinha o hábito de jogá-las fora, assim como os rascunhos e versões manuscritas de seus textos após a publicação.

Com base no que resta de manuscritos ou fragmentos de versões, esboços ou notas, a estudiosa recompõe a memória de *Macounaïma*, as versões consideradas "definitivas" pelo autor e sempre modificadas, seus prefácios jamais publicados, as revisões e correções realizadas pelo criador que se coloca no lugar de um leitor hipotético e que relê com olho crítico a matéria de seu trabalho para avaliar os excessos e as lacunas. Com base na codicologia e na crítica genética, a especialista pode assim melhor apreciar o projeto literário de Mário de Andrade, *um projeto em movimento que fez de Macounaïma não um, mas vários textos, tantos quanto sua pena ou seu lápis criaram* (p.262).

Ocupando as páginas 263-288, Rita Olivieri-Godet discorre sobre a estrutura da obra ("*Macounaïma*: le plaisir ludique du texte"). Inicialmente, é tratada a questão do gênero literário do texto, designado de "rapsódia" pelo autor, explicitando assim seu modelo de composição que evidencia o caráter fragmentário, heterogêneo e popular de suas fontes e a tensão entre tradição e inovação, inerente a seu processo de criação. Resulta daí uma estrutura narrativa em mosaico em que o lúdico é o elemento que confere coerência e verossimilhança ao texto e torna possível o riso ambivalente do texto, inscrevendo-o na dialética do sério-cômico.

A elaboração da "rapsódia" revela o sincretismo como processo que permite a reinvenção do herói indígena Macounaïma e que, no nível da linguagem, possibilita a incorporação de regionalismos, africanismos e indigenismos que criam uma língua "desgeografizada", "brasileira". Sincretismo que leva ao extremo o jogo entre cópia e invenção, assimilação e reelaboração criadora, num texto em que o riso é uma arma séria que revela a força criadora da cultura popular e a plenitude da alegria de viver, configurando uma narrativa que *recupera o que a experiência das sociedades modernas tem tendência a excluir, o território do sonho, do êxtase, da embriaguez e do riso* (p.288).

"Toupi and not toupi. Une aporie de l'être national" é o texto que dá sequência ao *dossier* (p.289-312). Nele, Michel Riaudel intenta "explicar" ao leitor francês os termos constitutivos da obra a partir da questão de identidade nacional que se encontra no cerne do projeto do autor. Historiando nossa independência política desde os inconfidentes mineiros, Riaudel demonstra que a inquietude essencial dos brasileiros, a definição de sua identidade nacional, repercute na produção literária europeizada contra a qual Mário de Andrade e seus amigos se insurgem, propondo a invenção de uma nova identidade nacional, ou antes, *uma nova "diferença" nacional*, que é também *o sentido do programa de "antropofagia cultural" cuja dialética, mostrando-se sintonizada com as revoluções estéticas do Antigo Mundo, renova o mesmo com o outro, traz o estrangeiro até ele em lugar de ir até ele* (p.293).

Ao tratar da segunda parte do título da obra, o *herói sem nenhum caráter*, e do gênero “rapsódico” oficialmente atribuído pelo autor, Riaudel discorre sobre o projeto nacionalista presente em *Macunaíma*, com o qual Mário de Andrade empreende um “retrato” do brasileiro, muito próximo do *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, a quem, aliás, a rapsódia é dedicada. Contrapondo ambos os textos, mostrando similitudes e dessemelhanças, o estudioso constata em *Macunaíma* a definição dialógica do “não-ser nacional”, cujo caráter negativo confere-lhe uma existência e coloca, portanto, a questão da identidade em aporia original: “Toupi and not toupi”, parodia Riaudel, pois *Macunaíma é o dentro e o fora, a parte e o todo, (...) negação interior e não somente externa, interiorização da negação para essa Europa que “esculhamba a inteireza de nosso caráter”* (p.310).

Retomando a questão que deu início a seu estudo - *Brasileiros, quem somos nós?* - Riaudel afirma que um dos milagres de *Macunaíma* é o de ter justamente confiado ao leitor a resposta a essa questão, atribuindo-lhe um papel na elaboração de seu próprio mito. E os franceses? Também para eles interessa a questão tratada pelo livro, *não somente para melhor conhecer, através de Mário de Andrade e seu (anti) herói, o outro brasileiro no que tem de melhor, não somente para, indiretamente, nos conhecermos melhor pelo viés de um terceiro. Mas também e apenas pelo prazer que nos dá a leitura vívida de uma obra-arquivo da literatura universal* (p.312).

“Réception critique de *Macounaïme* en France” (p.313-321) é o último texto a compor o “Dossier”. Retomando os princípios teóricos da estética da recepção, Pierre Rivas busca estabelecer o “horizonte de expectativas” do público leitor francês, o qual, marcado por referências anteriores à leitura, em se tratando de um romance latino-americano, partirá dos etnotipos culturais que conduzem aos estereótipos. Assim, a primeira publicação de *Macounaïma* na França, em 1979, pela Flammarion, aparece numa coleção especificamente dedicada à América Latina, a coleção *Barroco*, denominação que induz a uma tipologia literária e a um contrato de leitura, desvendando principalmente a ideologia francesa sobre a unidade e a especificidade de uma literatura latino-americana ao mesmo tempo em que orienta para uma leitura “barroca”.

Na delimitação do conhecimento prévio que o público tem do autor, Rivas constata que Mário de Andrade não escapou ao isolamento de uma língua e de uma literatura desconhecidas, ocultadas pela imagem hispano-americana e carentes de especialistas, tradutores autorizados, intermediários, informadores, editores, críticos que são, afinal, os elementos dinâmicos da recepção de uma obra, apesar de umas poucas referências em revistas especializadas.

Percorrendo essas poucas referências sobre o autor, Rivas constata que o etnocentrismo francês, tendente a sujeitar e reduzir o Outro ao Mesmo, provoca uma leitura da literatura latino-americana que recusa a idiossincrasia, modalizando-a “à francesa”, “explicando” o desconhecido pelo conhecido, o que leva o discurso crítico inicialmente à redução de *Macunaíma* ao gênero picaresco e a um tipo (*Gargantua exótico, Ulisses das florestas, Tarzan criador de uma língua* (p.316)).

Outros críticos revelarão a dialética do Mesmo e do Outro, lendo-o “como se” fosse Rabelais e julgando-o a partir da estética do Barroco. Alguns, ligados à modernidade vanguardista francesa, conduzirão *este Diverso brasileiro ao mesmo* (p.317), apontando influências dadaístas aqui e ali ou vendo o herói confluindo dos índios de Lévi-Strauss, embora com o humor de um Raymond Queneau ou de um Henri Michaud.

A especificidade antropofágica da obra é percebida por umas poucas e raras leituras que nela percebem uma *feijoada* cujos ingredientes seriam *Dante, Rabelais e o Joyce de Finnegans Wake* (p.318), dando-se conta da mestiçagem cultural, da aliança do primitivismo e do moderno que conduz à descolonização cultural. Dentre estas poucas leituras, Rivas destaca o artigo de Antoine Berman (*La Nouvelle Revue française* - maio/80) que *insiste sobre o caráter “experimental” do livro, na confluência do mítico, do oral e do lúdico* (p.318), situando *Macunaíma* entre o herói popular e o herói mítico, designando a obra como *polifábula* paródica, pastiche e mistura próprios à imagem do Brasil e concluindo que *ler Macounaïma é de certa forma assistir ao nascimento de uma literatura continental* (p.319).

Como especialista reconhecido e conceituado que é da tradução, Berman também julga, no mesmo artigo, a primeira tradução de Thiériot, constatando *um enfraquecimento considerável da trama oral polipopular* decorrente, não de falhas, mas de um sistema francês que impõe limites à captação da *dinamogenia de algo tão profundamente ligado à oralidade quanto a literatura latino-americana... Esse nível em que o mítico, o oral e o lúdico estão unidos* (p.319). Não pretendendo se deter no estudo da tradução de Thiériot, Rivas prefere seguir sua gênese e fortuna.

Recusada por muitos editores antes de ser acolhida na coleção *Barroco* em 1979, cinquenta anos após sua publicação no Brasil, a rapsódia teve uma tiragem de 8.000 exemplares, dos quais 5.000 vendidos, vendagem razoável considerando-se que *a leitura estrangeira vende pouco e é pouco defendida no sistema francês (colocação nas livrarias; falta de publicidade; poucas críticas especializadas)* (p.320-1). Com base em outros estudiosos, Rivas considera que o sucesso de uma obra só pode ser avaliado num lapso de quinze a vinte anos, o que permite à obra passar à posteridade e torna o pesquisador consciente de sua própria historicidade. Assim, conclui que *Macounaïma, às vezes mal recebido no Brasil, é hoje um clássico, como o provam as reedições, a edição crítica brasileira de Telê Ancona Lopez e a presente edição francesa* (p.321).

O “Dossier” apresenta a seguir a “Cronologie” detalhada do autor, estabelecida por Tatiana Maria Longo dos Santos e Telê Ancona Lopez, resumida e adaptada por Pierre Rivas e Michel Riaudel e traduzida pelo último (p.323-338), e a “Bibliographie” que contém as principais referências disponíveis em francês e traduções da rapsódia publicadas em outras línguas (341-343), tendo em vista o público a que se destina esta edição crítica: estudantes de literatura comparada, lusitanistas e *leitores abertos à modernidade latino-americana*, como esclarece Rivas em seu “Avant-Propos”.

Em suma, esta edição crítica de *Macunaíma*, primeiro volume de uma nova coleção que se propõe publicar em francês os grandes clássicos da literatura latino-americana do século XX, representa um marco significativo na tarefa de difusão do colonizado em terras do colonizador, do devorador junto aos devorados. Contudo, há duas questões subjacentes à publicação e que devem merecer a atenção de estudiosos, brasileiros e/ou franceses.

A primeira delas diz respeito à informação que consta da página de apresentação da obra: *Traduit du brésilien par Jacques Thiériot*. Se o próprio coordenador da edição aponta, em seu texto “Réception critique de *Macounaïme* en France”, à página 320, que a primeira publicação da obra, em 79, traz essa mesma informação, o que poderia dar lugar a muitas observações sobre a “identidade” do texto, sua manutenção nesta edição crítica teria sido ocasional, fortuita, fruto de um cochilo? Ou teria sido propositadamente mantida, objetivando provocar o leitor?

Sabidamente, os editores franceses tendem a informar que os textos são traduzidos do “argentin”, do “canadien”, do “américain”, confundindo, intencionalmente ou não, língua e nacionalidade, muitas das vezes com finalidade mercadológica. No caso de *Macounaïma*, se o texto foi traduzido da “língua brasileira” tão cara a Mário de Andrade, que outra não é senão a língua portuguesa revolucionada audaciosamente pelo autor, pode-se aí perceber já um apelo instigante ao leitor francês que o prepara para a percepção desta particularidade reformadora. Por outro lado, a informação também pode ser vista como estratégia de vendas, sugerindo a evocação de mitos e imagens estereotipadas que seduziriam o leitor francês. Ou, em se tratando da rapsódia do herói sem nenhum caráter, texto fragmentário e multifacetado, ambas as hipóteses e ainda outras mais seriam viáveis?

Outra questão que se coloca está também presente nas reflexões de Riaudel e Rivas, porém sem resposta, já que fugiria aos objetivos de uma edição crítica. De que modo Thiériot conseguiu suplantar as amarras impostas pelo sistema lingüístico francês na tradução, agora revista e melhorada à luz de novos estudos críticos, de uma obra que exige até mesmo do leitor brasileiro um esforço para avaliar e compreender o que a escritura de Mário de Andrade tem de revolucionário? Eis aí um trabalho sobre o qual os estudiosos da tradução deverão se debruçar.

Tem mais não.

Instituto de Letras – Ufrgs
30/09/1999